



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Ter ou Ser? Estudo de caso de uma criança com
Perturbação da Identidade de Género

Sílvia González Manteiga

Orientador de Dissertação:

PROF. DRA. MARIA ANTONIA CARREIRAS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2013

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dra. Maria Antónia Carreiras, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro.

Agradecimentos

À Lucía e Iria, pelas muitas ausências e longos silêncios.

Ao Rui, por mostrar-me o seu mundo e confrontar-me com o meu.

Aos meus pais, pela confiança, aceitação e paciência.

À Catarina e à Rita, pela amizade e os momentos de partilha.

Ao Mário, pelo apoio incondicional.

À Rute, pelas muitas conversas e a correcção ortográfica do trabalho.

Resumo

O presente estudo teve por objectivo estudar de forma global e particularizada o caso do Rui, um menino de sete anos que manifestava o desejo de ser menina e comportava-se como tal. Embora tenham sido usadas várias fontes de informação, a técnica da agregação categórica proposta por Robert Stake (1995) foi só aplicada às transcrições das sessões de acompanhamento. O resto do material (documentação, avaliação cognitiva e projectiva, e entrevista à mãe do sujeito) foi usado para efeitos de triangulação dos dados e metodológica. Assim, foram identificados quatro tópicos: O Feminino e O Materno; O Animado e O Inanimado; Onnipotência e Narcisismo Infantil; e Transferência/Contratransferência. Os resultados revelaram que a problemática do Rui situa-se ao nível da identidade, tendo, portanto, uma estrutura pré-psicótica. Apesar de haver sintomatologia franca na expressão do género, a falha não estaria circunscrita à identificação secundária, sendo muito mais arcaica e primária. Os traumas cumulativos e o predomínio das experiências de frustração na relação precoce dificultaram a introjecção estável do bom objecto interno, debilitando todas as internalizações subsequentes e a elaboração da posição depressiva. A ansiedade suscitada pelos sucessivos eventos traumáticos, nomeadamente na altura do Édipo, terão ocasionado a regressão a pontos de fixação na posição esquizoparanoide. Neste contexto, o desejo de ser menina é entendido como tendo vários níveis de significado: a ilusão de fusão narcísica com a mãe, muito próxima de uma ilusão somática; e uma defesa perante o medo de aniquilação suscitado pela dupla ameaça de castração, paterna e materna.

Palavras chave: Perturbação da Identidade de Género; Pré-Psicose; Infância; Estudo de Caso.

Abstract

The present work is the case study of a seven year old, named Rui, who wishes to be a girl and shows a strong and persistent interest in feminine activities and play. Information was obtained from different fonts: documents, cognitive and projective evaluation, observation of play, psychotherapy, and through the mother's interview. However, the technique of category aggregation proposed by Robert Stake (1995) was only applied on transcripts of play and therapeutic sessions, the rest being used for data and methodological triangulation. Four themes were identified: The Feminine and Maternal; The Animate and Inanimate; Omnipotence and Infantile Narcissism; Transference and Counter-Transference. The results show that Rui's mental functioning is very primitive, his main problem lying on the construction of identify. Although the most exuberant symptoms are expressed on the realm of gender, his problem is not restricted to this area, but is more primitive and archaic. Cumulative trauma and the preponderance of frustration experiences in early childhood did not allow for the secure introjection of the good internal object, weakening all successive internalizations and the elaboration of the depressive position. The anxiety caused by the several traumatic events at the time of the edipic conflict forced Rui to undergo a regression to fixation points created at the time of the esquizoparanoid position. The wish to be a girl is understood as having several layers of meaning: both as an illusion of a narcissist fusion with the mother figure, closed to a somatic illusion; and a defense against the dread of annihilation aroused by the double threat of castration, paternal and maternal.

Keywords: Gender Identity Disorder; Pre-Psychose; Infancy; Case Study.

INDICE

Introdução.....	1
1: Objectivo	1
2: Método.....	2
3: Apresentação do Caso.....	5
3. 1 Avaliação e Resultados.....	5
3. 1. 1 Avaliação Cognitiva: WISC-III.....	6
3. 1. 2 Avaliação Projectiva.....	7
3. 1. 2. 1. <i>Teste do Desenho da Família</i>	7
3. 1. 2. 2. <i>Teste de Rorschach</i>	8
3. 1. 2. 3. <i>CAT</i>	10
3. 1. 3. Conclusão avaliação Projectiva.....	11
3. 2. História de Vida.....	13
3. 3 As Consultas Terapêuticas.....	18
4: Análise do Caso: Temáticas Salientes.....	20
4. 1 O Feminino e o Materno.....	21
4. 2 O Animado e o Inanimado.....	28
4. 3 Narcisismo e Onnipotência Infantil.....	31
4. 4 Transferência-Contratransferência.....	36
5: Discussão.....	40
6: Ponte com a literatura relativa à Perturbação da Identidade de Género.....	56
Conclusão.....	63
Referências Bibliográficas.....	65
Anexos	
Anexo 1 – WISC-III.....	68
Anexo 2- Desenho da Família.....	70
Anexo 3 – Rorschach.....	73
Anexo 4 – CAT.....	85
Anexo 5- Consentimento Informado.....	91

O presente trabalho é um estudo de caso de uma criança do sexo masculino com 7 anos de idade, que manifesta o desejo de ser uma menina e mostra um grande fascínio por actividades e brincadeiras tipicamente femininas.

O interesse pelo caso surge quando conheço o Rui no contexto do meu estágio académico em psicologia clínica na Unidade de Pedopsiquiatria do Hospital Garcia de Orta. A precocidade e exuberância dos sintomas suscitaram em mim uma grande curiosidade, decidindo escolher o caso como objecto de estudo da minha dissertação, na procura de uma compreensão mais aprofundada do mesmo.

O trabalho está estruturado em seis partes principais:

1. Objectivo do Estudo.
2. Método: procedimentos de análise e recolha de dados.
3. Apresentação do Caso: descrição sintética de toda a informação relevante obtida.
4. Temáticas: identificação e interpretação de alguns tópicos salientes.
5. Discussão do Caso: elucidação do funcionamento mental do sujeito, compreensão da sucessão de acontecimentos e significado do sintoma, tendo em conta alguns conceitos e teorias relevantes.
6. Relação do caso sob estudo com a literatura relativa à Perturbação da Identidade de Género

1. Objectivo

O Rui apresenta todos os critérios do diagnóstico Perturbação de Identidade de Género Infantil (GID), tal como descrito no DSM-IV (1996): expressa o desejo de ser uma menina; veste-se com roupas do sexo oposto; tem preferência por papéis femininos no jogo de faz de conta; gosta de jogos e actividades tipicamente femininos; e prefere meninas como companheiras de jogo.

Contudo, esta classificação é muito superficial, não fornecendo nenhuma informação sobre o funcionamento mental do sujeito. Deste modo, em lugar de se iniciar o trabalho com uma revisão bibliográfica dos vários estudos efectuados nesta área, optou-se por mergulhar no caso sem desejo e sem memória, deixando os dados falarem por si mesmos. Assim, estabeleceu-se como objectivo do estudo a compreensão do caso como um todo, na sua complexidade e particularidade, descobrindo o que nele há de diferente e único. Sem

pretender a generalização para outros casos, nem a solução de questões teóricas, o que se procurou foi compreender o funcionamento mental do sujeito, a sequencialidade dos acontecimentos, e as motivações e significados atribuídos pelo mesmo. As explicações, os porquês, e as relações causa-efeito ficam fora do âmbito deste trabalho.

Uma vez iluminado o caso na sua globalidade, procedeu-se ao contraste do mesmo com uma série de conceitos e fenómenos relevantes, e com as ideias e teorias relativas à Perturbação da Identidade de Género.

2. Método

A metodologia escolhida para alcançar os objectivos acima referidos é a do Estudo de Caso Intrínseco, que tem por objectivo conhecer e compreender o caso particular na sua singularidade e particularidade. Esta metodologia supõe, necessariamente, que o interesse pelo caso em si é sincero e genuíno. “Intrínseco” significa que há uma verdadeira vontade de compreender o funcionamento de este caso específico, em lugar de esperar aprender, através dele, sobre outros casos ou responder questões da teoria.

Este método de investigação é especialmente recomendado quando o caso é dado, isto é, quando não é feita uma escolha, e/ou quando se trata de um objecto, em lugar de um processo (por exemplo, um evento). É, portanto, uma metodologia muito usada nas ciências sociais, que se ocupam do estudo de sistemas integrados, com intencionalidade e com *self*, como as pessoas ou os grupos. As partes do sistema não têm porque funcionar adequadamente, sua intenção pode ser irracional, como acontece no caso de sujeitos com patologia, mas nem por isso deixa de ser um sistema (Stake, 1995).

A selecção do caso foi feita em função de vários critérios. Por um lado, a escolha não foi totalmente livre, uma vez que existia a condição de realizar o trabalho de investigação com uma amostra da própria Unidade. Dito isto, os restantes motivos foram o interesse pessoal da investigadora na sintomatologia e dinâmica intra-psíquica do sujeito sob estudo, sua acessibilidade, e a disponibilidade demonstrada pelos prospectivos informantes (técnicos da instituição e mãe).

Seguindo as orientações e recomendações de Robert Stake (1995), recolheram-se dados recorrendo a várias fontes de informação: documentação (ficha clínica e relatórios no arquivo da Unidade); avaliação cognitiva e emocional (WISC-III, Desenho da Família,

Rorschach e CAT); consultas de observação do jogo; acompanhamento ou psicoterapia do Rui; e entrevista à mãe.

A utilização de múltiplas fontes permite obter diferentes perspectivas do objecto de estudo, várias “medidas” do mesmo fenómeno, criando as condições para a triangulação dos dados. Permite, ainda, considerar um conjunto mais diversificado de temáticas de análise e, em simultâneo, a corroboração das mesmas (Yin 1994).

Num primeiro momento optou-se por proceder a uma avaliação clássica com as provas Rorschach e CAT, que permitem evidenciar as modalidades de construção do aparelho psíquico, nomeadamente os procedimentos de pensamento (ilustrados pela qualidade das respostas), as principais conflitualizações (exprimindo-se pela sensibilidade ao conteúdo latente), e os mecanismos de defesa (reflectidos nos procedimentos de resposta). Estes instrumentos informam-nos sobre a diferenciação tópica do psiquismo, o grau de permeabilidade entre as instâncias e o balanceamento entre os procedimentos primários e secundários. Ainda, esclarecem os tipos de organização pulsional e relação objectal predominantes (Boekholt, 2000). Contudo, a quantidade e qualidade da informação obtida com estas provas está muito condicionada pelo nível de elaboração da linguagem verbal (Boekholt, 2000), pelo que foi decidido acrescentar uma outra forma de aproximação ao mundo interno do sujeito, a observação do jogo.

A actividade lúdica, para além de ser o primeiro campo das construções simbólicas, envolve o corpo, principal via de expressão da patologia do Rui. Ainda, a manipulação de objectos e brinquedos provoca uma excitação pulsional na criança que permite uma melhor compreensão desta última dimensão (Boekholt, 2000).

Klein (1964) afirmava que através do jogo e dos brinquedos, a criança expressa suas fantasias, desejos e experiências com os mesmos modos arcaicos e filogenéticos de expressão presentes nos sonhos.

Além disso, as sessões de acompanhamento enriqueceram o conhecimento do objecto de estudo, ao mobilizarem as atitudes e contra-atitudes do terapeuta. A análise da projecção das pulsões, ansiedades, defesas e relações de objecto mais precoces na figura do psicólogo permitiu uma compreensão mais apurada do caso através das respostas emocionais induzidas neste.

O papel da investigadora é sempre fundamental neste tipo de estudos. Colocada no papel de observadora (processo de avaliação, sessões de jogo e de acompanhamento), procedeu ao registo dos comportamentos do sujeito procurando a maior objectividade possível.

Contudo, as dificuldades levantadas pela integração dos vários tipos de dados, inscritos em lógicas muito diferentes, levou a restringir a procura de categorias temáticas às transcrições das sessões do jogo e do acompanhamento, usando o restante material para efeitos de triangulação metodológica. Assim, a informação seleccionada foi analisada usando a técnica da “agregação categórica” proposta por Stake (1995), que consiste na dissecção do caso nos seus tópicos mais importantes para uma primeira análise parcial dos mesmos, antes de proceder à interpretação final e global do caso. Deste modo, inicialmente procedeu-se à leitura e análise das transcrições das sessões de observação e acompanhamento, procurando padrões e temáticas recorrentes, assumindo que os elementos importantes de um caso tendem a aparecer e re-aparecer uma e outra vez. Uma vez identificados, foram criadas várias categorias temáticas, as quais foram submetidas a uma análise individualizada, levando ora à sua eliminação por falta de sentido e/ou consistência, ora à sua agrupação por partilharem o mesmo significado, ora à sua re-nomeação. O exame contínuo dos possíveis significados destas temáticas permitiu que as novas observações fossem cada vez mais focadas, dando lugar a sentidos mais refinados.

Num segundo momento, procedeu-se à análise mais aprofundada de cada um dos tópicos finais, enunciando, para cada um, o que podem ser denominadas como “pequenas generalizações” ou *assertions* (Stake, 1995). Estas afirmações são, na verdade, interpretações que o investigador formula a partir da sua compreensão mais profunda, derivada de uma mistura entre experiência pessoal, erudição e ideais de outros autores. Assim, não se procurou otimizar a produção de grandes generalizações, como nos estudos comparativos e correlacionais, pois, como já foi referido, o verdadeiro objectivo do estudo é a particularização, a compreensão do caso em si, o que este tem de único e diferente.

Por último, para validar as afirmações e minimizar os erros interpretativos, procedeu-se a três tipos de triangulação: triangulação da informação, verificando a consistência do caso noutros momentos e espaços, isto é, noutras circunstâncias, como por exemplo através da entrevista à mãe; triangulação do investigador, mostrando os registos a colegas e especialistas

para discussão das interpretações e obtenção de informação adicional; e triangulação metodológica, garantida desde o início uma vez que o caso foi abordado de múltiplas formas (documentos, testes, observação e entrevistas).

3. Apresentação do Caso

3.1 – A Avaliação e os Resultados.

O Rui foi referenciado à Unidade por dificuldades de aprendizagem, agitação psicomotora, enurese, agressividade com os pares, fabulação, e comportamentos esperados para o sexo feminino. O pedido foi realizado pela instituição onde o Rui se encontrava acolhido temporariamente desde o mês de Fevereiro. Após a primeira consulta, que implicou uma entrevista ao técnico responsável pelo caso e uma primeira observação do Rui, foi decidido efectuar uma avaliação completa, cognitiva e emocional, para verificar viabilidade de um acompanhamento psicoterapêutico.

O primeiro contacto com o Rui teve um grande impacto em mim. No dia da primeira consulta, entrou a grande velocidade no gabinete onde eu me encontrava à sua espera, e, sem dizer uma única palavra, abraçou-se energica e prolongadamente a mim. Fiquei rapidamente cativada por este menino que pedia com tanta avidez atenção e afecto. Empatizei com a sua tristeza, solidão e desamparo. Contactei com a sua profunda carência afectiva, e senti uma imensa vontade de o ajudar.

O Rui é um menino muito apelativo. Os traços do rosto são harmónicos, os olhos têm forma de amêndoa, e as pestanas, muito compridas, conferem-lhe uma delicadeza tipicamente feminina que é, ainda, enfatizada pela presença de alguns maneirismos na forma de caminhar e mover olhos e mãos. Por outro lado, o discurso do Rui é muito pobre, factual e repetitivo. Predominam as perguntas sobre o que são os objectos que captam a sua atenção, e os pedidos de ajuda para a manipulação dos mesmos, que frequentemente justifica dizendo: “*Eu não consigo*”. Este tipo de comentário revela uma grande insegurança e baixa auto-estima.

Neste primeiro encontro, o Rui e eu ficámos a brincar no chão, enquanto a Dra. P e o técnico da instituição falavam sobre o motivo do pedido, sentados face a face na secretária do gabinete. Fascinado, desde o início, pelas Barbies, o Rui pede a minha ajuda para as vestir e as calçar. Pergunta-me se pode levá-las para casa, ao que respondo negativamente. Diz que

quer cortar o cabelo às bonecas, e faz várias tentativas que eu reprovoo, apesar de ele ter uma tesoura com pontas arredondas. Por um momento tenta cortar o próprio cabelo, e o técnico tem de chamar-lhe a atenção. Pede-me para fazer um totó a uma Barbie, explicando que ele não consegue. Aceito ajudá-lo e faço um rabo de cavalo com um laço vermelho. Muito contente com o resultado, o Rui vai mostrar o penteado à Dra. P, que, olhando para a boneca, diz “*Que giro! A Dra. S. tem muito jeito*”! Ao que o Rui responde “*Eu também sei!*”, e imediatamente dirige-se à secretária, pega numa tesoura real e corta uma madeixa à boneca. Perante esta provocação, a Dra. P levanta-se, vai junto dele, e muito séria e firme, explica-lhe as três regras básicas da Unidade: não estragar o material, não magoar ninguém, e não magoar-se a si próprio. A seguir, pega na madeixa e guarda num envelope que introduz dentro do processo do Rui dizendo “*Para não te esqueceres*”.

Nas três semanas seguintes, procedeu-se com muita dificuldade à avaliação do Rui, interrompida sistematicamente pela sua grande distractibilidade, agitação psicomotora e continuas deslocações para explorar os brinquedos da sala, nomeadamente as bonecas.

3. 1. 1. Avaliação cognitiva: Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças.

A avaliação cognitiva com a Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças (Ver tabela de resultados no Anexo 1) revelou resultados muito baixos. Em termos globais, o Rui situa-se num nível abaixo do esperado para a sua faixa etária. Os resultados evidenciam um QI Verbal ligeiramente superior ao QI Realização (QIV-QIR=11), indicando um raciocínio homogéneo.

Na comparação intra-individual, observa-se que os melhores resultados foram na prova de Semelhanças, que avalia a capacidade de raciocínio lógico, conceptualização verbal, e discriminação entre aspectos essenciais e não essenciais; e na prova de Vocabulário, medida de inteligência muito influenciada pelas experiências precoces, reflectindo um nível de generalização conceptual mais maduro ou de nível abstracto. De salientar que nestas duas provas o Rui se situa na média para a idade.

Os seus piores resultados surgiram nas provas de Aritmética, associada à capacidade de cálculo, representação mental de situações concretas, e à ansiedade; Complemento de Gravuras, revelando dificuldades na atenção sustentada e na organização perceptiva; e

Disposição de Gravuras, que remete para o processamento visual, compreensão do significado de situações interpessoais, e determinação de prioridades com antecipação das suas consequências ao nível das relações socioculturais.

Apesar dos baixos resultados na Escala Global, no contacto o Rui parece ser uma criança inteligente. Isto é confirmado pelos bons resultados obtidos nas provas de Semelhanças e Vocabulário. A primeira é uma boa medida da inteligência cristalizada, tendo elevada correlação com a inteligência geral, o que descarta a hipótese de deficiência mental. A segunda é, por sua vez, uma medida bastante estável que permite estimar a inteligência pré-mórbida. Por outro lado, as três provas com piores resultados, acima mencionadas, são muito influenciadas por factores emocionais, tais como a falta de atenção e concentração, depressão, ansiedade e/ou impulsividade, e dificuldades relacionais. Neste sentido, é importante ter em conta que no momento da avaliação, o Rui mostrava uma grande agitação psicomotora, ansiedade e distractibilidade.

Assim, considera-se que os baixos resultados globais obtidos na WISC-III devem-se fundamentalmente a questões emocionais que parecem estar a bloquear e impedir um funcionamento cognitivo adequado e um melhor contacto com a realidade.

3. 1. 2. Avaliação projectiva.

3. 1. 2. 1 Teste do Desenho da Família de Louis Corman- LARPSI.

No Desenho da Família (ver Anexo 2) aparecem representados, da esquerda à direita, o Rui, D (a irmã mais velha via materna), S (a irmã mais velha via paterna), e o filho desta, A, sobrinho do Rui. Por último aparece a mãe. O desenho completo está circunscrito ao canto superior direito da folha, estando as figuras muito compactadas, como querendo representar um desejo de união de toda a família. Há diferenças de sexo mas não de geração; o Rui atribui a todos uma idade próxima à dele. Os seus lábios são iguais aos da mãe e irmãs, pequenos e grossos, correspondendo ao estereótipo dos lábios femininos. Por contraste, o irmão, único rapaz para além dele, tem lábios diferentes. Investe mais na figura que o representa, desenhando, por exemplo, o próprio umbigo, que deixa à mostra entre a camisola e as calças, algo também tipicamente feminino. Estas características vão ao encontro dos comportamentos

observados no Rui, que gosta de se maquilhar e vestir com roupas de menina.

Quando questionado em relação à possível ausência de alguém da família, o Rui responde: “*Não quero fazer o meu pai porque ele fuma.*” A exclusão consciente do pai dá conta da zanga, rejeição e/ou medo e desvalorização da figura paterna.

3. 1. 2. 2. Teste de Rorschach.

Em relação ao Rorschach, a passagem da prova foi muito difícil. O Rui estava muito agitado, não conseguia ficar sentado na cadeira, e tinha a necessidade de se levantar, caminhar pela sala, e explorar os brinquedos, talvez numa tentativa de acalmar a angústia suscitada pelas imagens.

A análise do protocolo (Ver Anexo 3) revela um número total de respostas elevado, embora no geral sejam bastante repetitivas. Predominam as respostas em D, estando numa percentagem normativa para a idade. Em contraste, a percentagem dos modos de apreensão globais (Gs) é inferior ao que seria esperado. Parece que o Rui tenta uma exploração aprofundada da realidade que o rodeia.

O determinante mais usado é o formal, situando-se dentro da média. No entanto, o F+ é muito baixo e o F- muito alto, pelo que, apesar de tentar apreender a realidade pelo seu recorte ou contorno, falha na construção da sua representação, devido, possivelmente, à pressão de fantasmas e ao efeito dos mecanismos de defesa em acção. Usa também determinantes cinestésicos (K, kob e kp), os quais dão conta de uma atitude mais projectiva (no Cartão III “*a menina e o menino tão a fazer ginástica*”; no Cartão VI “*...rabo com fogo*”; no Cartão VII “*...mãos*”)

A actividade pulsional explícita é mínima (só no Cartão VI “*peito do monstro e o rabo com fogo*”), mas há referências pulsionais indirectas ou formas com valor dinâmico (no Cartão I “*boneca com...e mamãs*”; no Cartão III “*sangue*”; no Cartão IV “*polvo com pés e o rabo*”).

Há três Clobs (“*gigante*” e “*a Bela e o Monstro*” na Cartão IV; e “*peito do monstro...*” no Cartão VI), e duas respostas Cor, uma ligada à pulsão (“*sangue*” no Cartão III) e outra ao afecto (“*pinturas*” no CX).

Em relação aos conteúdos, o protocolo do Rui (Ver anexo 3) apresenta inúmeras respostas de peças de roupa feminina isoladas (por exemplo no Cartão II “*vestido casaco e leggings*”), figuras poderosas (Cartão IV “*gigante com asas mãos e rabo*”) e malevolentes (Cartão VI “*monstro com pés altos e fogo à volta*”); assim como alguns perceptos que combinam ambos os sexos (no Cartão III “*menino e menina.*” e no Cartão IV “*a Bela e o Monstro*”).

Os animais aparecem numa percentagem baixa para uma criança. O Bestiário é o seguinte:

- Animais perigosos/ potentes: leão
- Animais voadores ou aves: borboleta, águia
- Animais aquáticos: polvo
- Insectos: aranhas

Os conteúdos humanos são elevados (*menino; um menino e uma menina; meninas com vestido; meninas*). Há também respostas de figuras humanas irreais (*gigante com asas; a Bela e o Monstro; monstro com fogo*). Cabe destacar as respostas “*sangue*” e “*uma menina e um menino a perder o sangue*”, que tanto podem dar conta de angústia corporal como ser expressão da pulsão agressiva.

O número de engramas banais encontra-se dentro do esperado.

O TRI é coartado, o que significa que nenhum dos polos ou componentes assume uma expressão suficiente. Os tipos coartativos são considerados muito vulneráveis. A restrição de manifestações, ou bloqueio efectuado, reduzem a mobilidade e, portanto, a capacidade de adaptação a uma situação. Mostram-se, com efeito, pouco tolerantes a situações de tensão fisiológica e psicológica, em virtude da rigidez dos seus mecanismos de defesa.

A Forma Complementar situa o Rui na tipologia introversivo puro, indicando uma ligeira tendência à adaptação pelo pensamento em lugar do afecto. A discrepância entre o T.R.I. e a F.C. dá conta da existência de um conflito intra-psíquico entre as várias instâncias (consciente e inconsciente).

A Reacção à Cor (31%) está dentro do esperado, mas o Índice de Angústia (16%) é elevado.

A angústia é também evidente nos choques (“*não sei, está difícil*” no Cartão IV), tentativas de recusa (“*eu não sei o que é isso!*” (vira) no Cartão VI), grande agitação

psicomotora, interrupções pelo agir, deslocações, apelos e pedidos de gratificação complementares (“*posso ir buscar uma boneca?*” no Cartão V), ou interrogações (“*têm sempre sombras não têm?*” no Cartão I).

A análise, quantitativa e qualitativa, do Rorschach mostrou uma frágil representação de si, com muitas respostas mal adaptadas, fragmentadas, e tipo pele (no Cartão IX “*casaco calças e umas coisas que se põem aqui para proteger as leggings*”), com função protectora. A representação da relação está carregada de angústia e/ou agressividade (no Cartão III “*uma menina e um menino a perder sangue*”), levando a um contra-investimento das barreiras de contacto com o duplo objectivo de manter o outro afastado e preservar a imagem ideal de si. A imago paterna é vivida com muita inquietação (no Cartão VI “*peito do monstro e o rabo com fogo*”), enquanto que a imago materna está praticamente ausente no protocolo. Como mecanismos de defesa aparecem claramente as defesas narcísicas (Cartão II; Cartão IV; Cartão VII; Cartão VIII; e Cartão IX); a identificação projectiva (no Cartão I); a clivagem (Cartão I e Cartão IV); o isolamento (Cartão X); e a defesa motora (Cartão V; Cartão VI; Cartão IX).

3. 1. 2. 3. CAT de Leopold Bellak e Sonya Bellak.

No *Children's Apperception Test* (Ver Anexo 4), os procedimentos mais usados foram, por um lado, aqueles que traduzem o recurso ao imaginário e ao fantasma, e, por outro, os que apelam à objectividade e ao controlo. Menos frequentes, mas também importantes, foram os procedimentos da esfera motora e corporal. Entre os primeiros, destacam-se a instabilidade dos objectos, que da conta da inconstância objectal; e a presença de temas crus ligados a temáticas agressivas, evidenciando a invasão fantasmática primitiva. Entre os segundos, sobressai a formação reactiva, embora falhe a maior parte das vezes, dando lugar a extravagâncias perceptivas, escotomas e perturbações da organização temporal. Deste modo, embora o Rui aceda a um conteúdo claramente edipiano em alguns cartões (por exemplo no Cartão 5), na maioria das pranchas emerge uma agressividade muito primitiva que parece estar relacionada com o sentimento de rivalidade fraterna, a raiva em relação à figura paterna (Cartões 1, 2, 3 7e 10) e uma enorme intolerância à frustração (Cartão 8).

3. 1. 3. Conclusão da avaliação projectiva.

O conjunto das provas projectivas revela que o Rui apresenta importantes carências psico-afectivas devido à ausência de figuras parentais cuidadoras e protectoras. A problemática ligada à identidade manifesta-se de forma evidente no protocolo do Rorschach. O número reduzido de respostas globais (interpretação da mancha inteira) associado à elevada percentagem de respostas perceptivamente inapropriadas (em que a interpretação é feita segundo a forma mas esta não é objectivamente próxima da mancha) dão conta de uma pobre adaptação perceptiva e uma dificuldade em abordar o mundo socializado. Segundo Chabert (1998) quando as respostas em G são insuficientes, e estas representam figuras desvitalizadas (*boneca*); irreais (*a Bela e a Bestia*); revelam confusão entre os reinos animal e humano (*polvo que tem quarto pernas*); ou o não reconhecimento da banalidade (*boneca* no Cartão 1), é possível emitir a hipótese de uma ancoragem frágil no real e dificuldades importantes ao nível da identidade. A baixa percentagem de respostas em G e de boa forma no protocolo do Rui testemunham a sua incapacidade de apreender um objecto total e diferenciado, revelando a existência de um *self* cuja integridade é posta em causa.

Por outro lado, a abundância do determinante formal informa que há uma tentativa de apreender os estímulos do mundo exterior atendendo ao princípio da realidade. No entanto, esta abordagem resulta inoperante pela emergência de movimentos pulsionais e invasão dos processos primários. As respostas formalmente inadaptadas, muito elevadas no protocolo do Rui, são janelas pelas quais se introduzem as emergências inconscientes, representações recalçadas, afectos reprimidos, e emoções pulsionais incongruentes, sublinhando o desinvestimento da realidade objectiva e do meio, e portanto, das relações objectais (Chabert, 1998).

O determinante cinestésico (a atribuição de movimento à imagem Rorschach), atesta a potencialidade criativa e capacidades de mentalização do sujeito (Chabert, 1998). Contudo, sua presença excessiva e associação a más formas no protocolo do Rui, dá conta de um desequilíbrio neste entre percepção e projecção, condenando ao insucesso o valor adaptativo das respostas cinestésicas (Chabert, 1998).

Por outro lado, verifica-se a instabilidade da identificação sexual, visível nas alternâncias e oscilações (*boneca* no Cartão I e *boneco* no inquérito do mesmo cartão); nos

modelos sexuais caricaturiais (*A bela e a Bestia* no cartão IV); ou nas representações opostas (*menino e menina a fazer ginástica* no Cartão III). Apesar de haver alguma flexibilidade nas tomadas de posição (*gigante* no Cartão IV ou *meninas* no Cartão VII), a presença de inúmeras respostas de peças de vestuário tipicamente feminino (*vestido, leggings, saia, sutiã*) revelam que a polaridade sexual dominante é oposta à anatómica. Além disso, tanto a relação entre os sexos (*menino e menina a perder sangue* no Cartão III), como a simbologia sexual, evocam angústia (variados equivalentes de choque nos cartões IV e VI). Assim, pode-se afirmar que existe uma problemática relativa à identidade sexual, da qual, aliás, dá conta o sintoma mais exuberante do Rui. Contudo, a problemática da identificação não é a principal. As respostas de vestuário equivalem a respostas tipo pele, pois evocam uma superfície que impõe limites entre o interior e o exterior. A importância que o Rui confere a estes limites, e a necessidade de se apresentar como uma superfície sem falhas, camufla o “tecido esburacado” ou a falha narcísica. A necessidade de manter a continuidade do ser face à ameaça de morte, leva a um contra-investimento das barreiras com o duplo objectivo de, por um lado, preservar o espaço interno, mantendo o outro afastado e, por outro lado, manter a imagem ideal de si. A necessidade de reforçar esta barreira aparece também no jogo, em que as roupas e as acções de vestir e despir as bonecas adquiriram suprema importância.

Ainda, segundo Chabert (1998) as respostas de vestuário têm o valor simbólico dos esbatiamentos de textura, revelando movimentos regressivos que remetem para as experiências de contacto primárias, isto é, para as relações de objecto precoces. Os contactos sensoriais nestas primeiras relações são fundamentais no suporte das mesmas e no estabelecimento do envelope corporal. A enorme presença de este tipo de respostas no protocolo do Rui é indicadora de uma procura desesperada de apoio, de continente, de um envelope que obture os tumultos de estimulações sentidas com muita acuidade, protegendo o sujeito da estridente realidade externa.

O uso de mecanismos de defesa arcaicos (projectão, identificação projectiva e clivagem) e a predominância de angústia de fragmentação, visível nas respostas fragmentadas, confusão dos reinos, e compulsão à repetição das respostas tipo pele, confirmam que a problemática é de tipo identitária.

No CAT, muito menos investido, as pranchas que remetem para situações de abandono e desamparo são vividas com grande angústia e falha nos recursos emocionais,

revelando imaturidade. Mais uma vez encontramos a procura de apoio, visível, por exemplo, no Cartão 2, na utilização dos verbos *aguentar* e *segurar* que remetem para o anaclitismo (...*urso estava a aguentar e os dois ursos, este e este, estão a segurar este que caiu*). Contudo, a presença de temáticas cruas, instabilidade dos objectos, escotomas, confusão identiária, extravagâncias perceptivas e perturbações da sequência temporal dão conta da emergência em processo primário característica dos funcionamentos mais arcaicos e pré-genitais.

Em suma, o Rui não parece ter acedido ainda a uma estruturação mental de tipo neurótica, entendendo esta como um estágio de desenvolvimento normal e desejável numa criança. Deste modo, parece haver risco de desorganização se as futuras experiências de vida não favorecem uma maior maturação do ego.

3. 2 – História de Vida

A entrevista à mãe, a Sra. R, foi realizada numa sala da instituição onde o Rui se encontrava acolhido no início do estudo. Foi gravada em audio e transcrita em papel para sua posterior análise.

A mãe do Rui é uma senhora com um aspecto bastante masculino: é baixa, robusta, tem o cabelo curto e desgrenhado e usa óculos. Veste-se com roupas largas e escuras que escondem qualquer redondeza corporal, parecendo muito pouco investida. Na única consulta em que a investigadora teve a oportunidade de observá-la a interagir com o filho, esta mostrou uma atitude de grande passividade e pouco envolvimento em relação ao mesmo. Durante a entrevista, revelou não ter consciência nenhuma do sofrimento do Rui. Ao relatar os sucessivos acontecimentos de vida, a mãe colocou-se sempre no lugar de vítima, mostrando não ter nenhuma capacidade crítica, reflexiva ou de auto-questionamento, em relação à própria responsabilidade na co-criação dos mesmos. O seu relato dá conta de uma mulher tão enredada na sua história pessoal que é incapaz de “ver” e cuidar dos filhos.

A seguir, apresenta-se um resumo das informações obtidas na entrevista à mãe que foram consideradas relevantes para o caso.

Embora ambos os progenitores tenham filhos de relacionamentos anteriores, o Rui é o único filho fruto deste casamento, tendo crescido como tal até à ruptura definitiva do casal, quando tinha cinco anos de idade. A mãe, com 49 anos, estudou até a 4ª classe e trabalha

como empregada de limpeza. O Sr. R, de 43 anos, não possui habilitações literárias e a profissão é desconhecida.

A mãe não explica como é que o casal se conheceu, referindo unicamente que um ano após o início da relação nasceu o Rui, pelo que a gravidez não parece ter sido planeada. Descreve a gravidez como tendo corrido sem complicações. O parto foi provocado às 38 semanas porque “*o coração do Rui estava muito acelerado, parecia o coração dum cavalo*”. A Sra. R refere que “*depois de ter nascido, o Rui não conseguia chorar, tinha o pulmão tapado*”, tendo de ficar 6 dias na incubadora. Foi também detectado um sopro no coração que, passado algum tempo, acabou por desaparecer. O Rui não foi amamentado devido à medicação que a mãe toma, desde os 31 anos, para a epilepsia. Os médicos recomendaram-lhe mudá-la para poder dar o peito, mas Sra. R, que começou a ter ataques com 12 anos, recusou-se por receio da nova medicação não ser tão eficaz.

O treino do asseio é descrito como normal. A mãe conta que tinha muito cuidado que o Rui fizesse as suas necessidades no seu bacio, inclusive quando este era demasiado pequeno para ele. A Sra. R fazia tudo o possível para que o Rui não partilhasse a sanita com o pai com medo que este tivesse alguma doença e a transmitisse ao filho. Conta que, para evitar riscos, desinfectava a casa de banho uma e outra vez, e proibia ao Rui comer do prato do pai. A mãe explica que a razão da sua desconfiança era o facto de o marido vomitar frequentemente de manhã, expulsando sangue na expectoração. O Sr. R era alcoólico e adicto à nicotina, fumando entre 4 e 5 maços por dia. Como sempre estava embriagado, a mãe evitava por todos os meios que o Rui ficasse sozinho com ele. Quando a Sra. R deixou de poder tomar conta do filho por motivos laborais, contratou uma senhora para levar e ir buscar o Rui à escola. No infantário tinham ordem de não entregar o Rui ao pai ainda que este fosse buscá-lo.

A descrição que a Sra. R faz do marido dá ideia que o Sr. R é uma pessoa doente, assustadora e perigosa. Esta representação negativa parece ter sido transmitida ao Rui através das palavras e comportamentos da mãe, mas também dos fantasmas inconscientes. Contudo, a mãe confessa que o Rui gostava muito do pai, e que actualmente está muito “*revoltado*” com ele por nunca o ter ido visitar.

A família manteve-se unida até que o Rui fez cinco anos de idade. A mãe refere que, embora o marido sempre a tenha maltratado psicologicamente, os verdadeiros conflitos surgiram quando ela começou a trabalhar. O marido, que não via com bons olhos que a

mulher ganhasse o seu ordenado, decidiu nessa altura deixar de contribuir para a economia doméstica. Ainda, quando a Sra. R chegava a casa mais tarde de que o habitual, o marido acusava-a de lhe estar a ser infiel.

Parece que o Sr. R sentiu-se ameaçado com a integração da mulher no mercado laboral. A independência económica desta parece ter posto em causa a sua autoridade e virilidade, o que, no fundo, demonstra alguma insegurança em relação à sua identificação masculina. Esta reacção pode ter sido despoletada por uma mudança real no comportamento da mulher, que já não se veria na obrigação de suportar em silêncio o maltrato psicológico do marido.

A mãe descreve o incidente que deu lugar à ruptura do casal. Um dia regressou do trabalho e foi visitar uma vizinha, levando o Rui com ela. Quando o marido chegou a casa e não a encontrou, saiu à sua procura, confirmando a suspeita de que estaria em casa desta senhora, alguém que, segundo o marido, só queria levar a Sra. R *“pelo mal caminho”*. Enfurecido, o Sr. R deu um ultimato à mulher, se ela e o Rui não voltassem no prazo de uma hora, mudaria a fechadura de casa, deixando-os na rua para sempre. E assim foi.

Sem um lugar aonde ir, a Sra. R e o Rui ficaram em casa do namorado desta vizinha durante algum tempo, até que finalmente foram acolhidos pela irmã mais velha do Rui, D, e o seu namorado. Um dia em que ficaram sozinhos na nova casa, um nono andar, o Rui, supostamente a brincar, empurrou o gato pela varanda, provocando a morte do animal. Quando a filha e o namorado regressaram e souberam do sucedido puseram à Sra. R e o Rui novamente na rua. Talvez o ódio e a raiva sentidos pelo Rui após o abandono do pai tenham contribuído para o trágico final do gato. Não tendo podido evitar o acidente, a mãe do Rui também não mostrou o mínimo sinal de preocupação com o animal, que teve de ser assistido, sem sucesso, por umas vizinhas.

Novamente sem um tecto onde abrigar-se, a Sra. R e o Rui foram enviados para uma instituição no sul do país, onde ficaram 6 meses. A mãe refere que foi aqui que começaram a enuresse e os comportamentos femininos do filho, vestindo-se com roupas de rapariga e brincando com as bonecas. A adaptação do Rui ao novo infantário parece ter sido complicada, tendo de ser acompanhado todos os dias até à sala de aula com medo que os colegas lhe batessem. A passagem da Sra. R pela instituição também não foi fácil, refere ter sofrido de enxaquecas diárias que a deixavam prostrada a maior parte do tempo.

Nesta instituição residia também uma senhora e o seu filho de 18 anos de idade, com atraso mental, com quem Rui brincava muito. A Sra. R refere que este jovem adorava que Rui se vestisse de menina, ajudando-o a por as roupas, e incitando tal comportamento. É muito provável que este jovem, com capacidades cognitivas limitadas, abordasse o Rui como se, de facto, fosse uma menina, reforçando assim os seus comportamentos afeminados.

Passados seis meses, mãe e filho regressaram para a região centro-sul do país, sendo ela acolhida pela irmã, tia do Rui, e ele institucionalizado temporariamente enquanto a mãe se re-organizava para tomar conta dele. Um ano mais tarde, o Rui continuava na mesma situação, sendo a própria instituição a fazer o pedido de observação à Unidade de Pedopsiquiatria do HGO.

Em relação à história de vida da Sra. R, esta teve mais três filhos antes do Rui, não conseguindo tomar conta de nenhum deles. Do seu primeiro casamento teve duas filhas: D, de 23 anos, e L de 18. A mais velha foi criada pela avó materna, já falecida, tendo acolhido à Sra R e o Rui na casa que partilha com o namorado até o incidente do gato. Esta jovem tem um filho de um relacionamento anterior que vive com o pai e cujo poder paternal está, como o do Rui, em Tribunal.

A segunda filha, L, vive com uma família de acolhimento desde os 18 meses de idade. Segundo a mãe, o Rui conhece-a e gosta muito dela.

O pai de D e L, ou primeiro marido da Sra. R, era também alcoólico e maltratava psicológica e fisicamente a mulher. Esta conta que quando estava grávida de L, com 7 meses: *“ele bateu-me, pôs-me os olhos negros de um murro que me deu na vista, e eu fiquei com contracções”*.

Do segundo casamento teve um rapaz, F, que actualmente tem 14 anos e reside com a avó paterna no estrangeiro. Parece ser que F morou com a mãe e o Sr. R durante algum tempo, antes de o Rui nascer. Contudo, aos seis anos foi institucionalizado, chegando a ser proposta a entrega para adopção, que a mãe recusou. A avó paterna acabou por reclamá-lo e ficar com a guarda. A Sra. R não tem contacto com este filho, e o Rui só o conhece através de fotografias.

A mãe do Rui descreve o segundo marido como sendo o pior de todos, pois, para além de beber, *“batia a murro, a mão fechada, como se fosse num homem...e o menino também levava pancada”*.

A infância da Sra. R parece ter sido muito difícil. Foi a mais velha de quatro irmãos, dois rapazes e duas raparigas, sendo a irmã a mais nova. Criada pela avó paterna, estudou até à 4ª classe e, com 14 anos, começou a trabalhar como doméstica. O pai era alcoólico e maltratava tanto a mãe como aos filhos. Em relação ao pai, a Sra. R refere: *“foi sempre mau”* *“na adolescência passei muito com o meu pai, muitas vezes punha-me a frente dele para ele não me bater na minha mãe, e ele batia-me a mim”*. Conta que o pai tinha uma caçadeira em casa e que a mãe *“teve essa arma apreendida na GNR várias vezes porque ele dizia que matava a gente toda lá em casa”*. Explica que no final da gravidez de L, o pai *“apertou-lhe o pescoço”* a frente da filha mais velha. A Sra. R pensa que se não fosse por esta, não teria sobrevivido a esta agressão.

Entende-se assim a origem da terrífica representação que a Sra. R tem do masculino e do paterno.

Em relação à mãe, refere o seguinte *“a minha mãe muitas das vezes, coitada, queria dormir e nem conseguia com medo que ele se levantasse e fizesse alguma coisa à gente”*; *“era mulher-a-dias, e quando o meu pai via que ela se demorava um bocadinho mais a chegar a casa, dizia logo que minha mãe tinha amantes, que ia ter com outros homens também”*.

Constata-se assim o fenómeno da repetição transgeracional, em que a mãe do Rui estaria a repetir o mesmo padrão de comportamento que a própria mãe, ao escolher sistematicamente o mesmo tipo de parceiro e a viver idênticas dinâmicas relacionais.

Sobre a relação com a mãe e os irmãos, ela diz: *“sempre me dei bem com minha mãe, era a pessoa com quem eu podia desabafar um bocadinho o que se passava as vezes, também sempre me dei bem com meus irmãos”*.

A mãe, que morreu com 58 anos de embolia cerebral, é descrita como uma mulher muito doente, padecendo de diabetes, febre da carraça e episódios recorrentes de cegueira. Para além de ser vítima de maltrato, esta senhora parece ter tido tendência à somatização ou à conversão.

Também já faleceu um dos irmãos, que era toxicod dependente e morreu de Sida aos 33 anos de idade. A Sra. R refere que este irmão e a irmã eram os filhos favoritos do pai, o que pode indicar a presença de ciúmes e rivalidade dentro da fratria.

Em relação ao Sr. R, é preciso esclarecer que a pouca informação que dispomos foi obtida na entrevista à ex-mulher. Como já foi referido, ele é alcoólico e psicologicamente

maltratador. Tal como a Sra. R, antes do Rui teve mais três filhas, de um único casamento anterior. A descrição que a Sra. R faz dele mostra um homem frio, ciumento, e impulsivo que se demitia da sua função paterna.

Em relação a sua história familiar, sabemos que o Sr. R esteve muitos anos sem falar com a própria mãe, acusando-a de ter morto o pai. Assim, parece que o Sr. R também tinha uma representação do feminino e do materno assustadora e perigosa, o que explicaria a sua necessidade de controlar a mulher sendo o único sustento económico da família e maltratando-a psicologicamente.

A Sra. R refere que nunca se deu bem com a família do ex-marido pois a avó paterna do Rui nunca o aceitou como neto.

Em suma, a mãe do Rui surge-nos como uma mulher passiva, pouco empática e responsiva, sem ressonância emocional nem capacidade reflexiva. Se bem que por um lado desvaloriza e teme o masculino, por outro parece albergar um complexo de maculidade e sentimentos de inveja do pénis. A sua história pessoal revela a compulsão à repetição do mesmo padrão relacional, altamente patológico, escolhendo parceiros alcoólicos e maltratadores. Apesar de colocar-se sempre no papel de vítima, a Sra. R não tem um perfil masoquista, parecendo que, no seu caso, os papéis de vítima e agressor alternam com facilidade. Como mãe, mostra-se abandonica e negligente. Sabendo das próprias dificuldades para tomar conta das primeiras filhas, nunca tomou medidas para evitar novas gravidezes. Os filhos não parecem ser vistos nem tratados como indivíduos, sendo antes usados como prolongamentos de si própria, com função de compensação narcísica, e/ou como equivalentes do falo que tanto teme como inveja.

3.3 – As Consultas Terapêuticas

O acompanhamento do Rui decorreu ao longo de oito meses, consistindo num total de 28 sessões de 45 minutos de duração. Durante os seis primeiros meses teve uma frequência semanal, o resto do tempo optou-se por um regime quinzenal. No final de cada sessão procedeu-se à transcrição da mesma procurando o máximo rigor.

O espaço das consultas de avaliação, observação e acompanhamento era uma sala rectangular relativamente grande, com amplas janelas, desenhos infantis a decorar as paredes e tapetes coloridos no chão. A mobília consistia numa secretária situada logo à entrada, um

armário grande com várias portas imediatamente detrás, do lado esquerdo, e uma mesa baixa com duas cadeiras no fundo da sala, sobre a qual estavam colocados vários brinquedos (um barco pirata e uma cozinha, entre outros). Espalhados pela sala estavam a casinha de madeira com a família completa, uma garagem com vários pisos, um carrinho de compras, e diversas caixas com legos, carros, animais, e comidas. Dentro do armário há ainda uma série de bonecas: Barbies, Bratz e Ken com suas roupas e acessórios; vários Nenucos com a sua banheira, fralda e biberão; uma boneca de porcelana antiga; peluches; e marionetas.

O gabinete era um espaço amplo, iluminado, agradável e alegre. Talvez tivesse um excesso de brinquedos e de registos de outros meninos, favorecendo tanto uma excitação como uma dispersão nas crianças mais instáveis.

O jogo do Rui era, no geral, muito pobre, restrito e repetitivo. Os seus brinquedos favoritos eram as bonecas com caracteres sexuais secundários marcados, como as Barbies e as Bratz, que basicamente penteava, vestia e despia uma e outra vez. Mostrava predilecção por roupas e acessórios dentro do mesmo estilo, como botas ou sapatos de salto alto, mini-saias, tops ou camisolas com decote. Por vezes manuseava outros brinquedos, como os nenucos, as marionetas ou os peluches. Contudo, o jogo era sempre muito pouco simbólico, mantendo-se num nível mais próximo do exploratório, apesar do passar do tempo e familiaridade com os materiais.

Outro grande interesse do Rui era o cabelo: dedicava uma grande parte das sessões a pentear e pintar o cabelo das bonecas; fazendo sempre inúmeros comentários sobre os mesmos. Adorava pintar-lhes madeixas e insistia em pintar-se a si próprio. Repetidas vezes desenhou e recortou cabelos que se tornaram perucas de papel. Ainda, referia e mostrava ter um impulso irresistível de cortar o cabelo às bonecas, tendo, em muitas ocasiões, de ser impedido de fazê-lo.

Nas raras ocasiões em que o Rui jogou ao “faz de conta”, emergiram conteúdos agressivos e sexuais muito crus. As cenas consistiam em situações triangulares de paixão, ciúmes e traição, envolvendo grande rivalidade e violência. Às vezes eram duas mulheres que lutavam entre si, sugando-se a energia mutuamente. Nestas dramatizações esporádicas o Rui representava sempre papéis femininos e eu poucas vezes fui convidada a participar.

No jogo, foram-se evidenciando alguns comportamentos e padrões recorrentes. Em primeiro lugar, destaca-se a forte e persistente necessidade de levar algum brinquedo para

casa, nomeadamente, as bonecas. Desde a primeira consulta, o Rui pedia para levar uma ou outra. Perante a impossibilidade de satisfazer este desejo, surge o “jogo das magias” como estratégia para “roubar” os brinquedos. Os truques para fazer desaparecer os objectos eram aproveitados para meter pequenas coisas, nomeadamente peças de roupa, nos bolsos e levá-los para casa.

Numa fase posterior, quando os “furtos” foram descobertos, os pedidos deram lugar a afirmações de propriedade. Reclamando a “pertença” dos objectos, o Rui pretendia apropriar-se deles sem ter de levá-los às escondidas. Na fase final, embora as tentativas de apropriação desaparecessem, as afirmações de pertença continuaram.

Outra característica do jogo eram as rápidas e injustificadas oscilações do Rui nos julgamentos e tratamentos que dava às bonecas: ora eram lindas e as vestia e penteava com cuidado e atenção; ora eram feias e as atirava e puxava pelos cabelos.

Com alguma frequência o Rui manifestou uma certa apreensão pelos seios das bonecas, que descrevia como “feios” e “maus”.

Por vezes mostrava não possuir um claro sentido da realidade, tentando, por exemplo, vestir roupas minúsculas a bonecas grandes, como se a percepção da diferença entre grande – pequeno estivesse obscurecida. Isto vai ao encontro das conclusões retiradas do Desenho da Família, no qual o Rui não representou a diferença entre gerações.

É de salientar a tendência para tratar as bonecas como seres vivos, e à terapeuta como uma boneca ou ser inanimado.

4. Análise do Caso: As Temáticas Salientes

Após uma primeira leitura das transcrições das sessões de acompanhamento, foram identificadas, usando a técnica da “agregação categórica” de Robert Stake (1995), oito temáticas recorrentes: Bonecas; Roupa; Cabelo; Seios/Corpo Feminino; Afirmações de Propriedade; Jogo das Magias ou Pequenos Furtos; Sexualidade-Agressividade; Transferência-Contratransferência.

A seguir procedeu-se a uma segunda leitura das sessões com o objectivo de encontrar novos fragmentos relacionados com os tópicos mencionados. Uma vez identificados, os excertos foram postos lado a lado na procura de consistência entre eles. Como resultado, as

categorias “Roupas”, “Cabelos”, e “Sexualidade/Agressividade” foram eliminadas. A categoria “Seios/Corpo Feminino” foi renomeada como “O Feminino e o Materno.” A categoria “Bonecas” passou a chamar-se “O Animado e o Inanimado”. As categorias “Afirmações de propriedade” e “Jogo das Magias” fundiram-se na nova categoria “Omnipotência e Narcisismo Infantil”. A categoria “Transferência /Contra-transferência” manteve-se intacta. Assim, as temáticas foram reduzidas a quatro: O Feminino e o Materno; O Animado e Inanimado; Omnipotência e Narcisismo Infantil; Transferência-Contratransferência.

A continuação apresentam-se alguns dos excertos que deram lugar à criação destas categorias, e as ideias e afirmações que foi possível inferir de cada uma delas. As conclusões retiradas foram contrastadas com a informação obtida através de outras fontes, nomeadamente a avaliação e a entrevista à mãe, assegurando assim a congruência e validade.

4. 1 – O Feminino e o Materno

Fragmento 1

R: Ah! Olha essa (mostra uma Barbie deitada sem roupas). Está nu! Que horror!

P: Pois é, e então?

R: Não gosto nada de ver mulheres nus

P: Porque? (não responde, vai a outra caixa e tira um gancho do cabelo)

R: Este gancho é da minha mãe

P: Como assim?

R: É dela

P: Queres dizer que deixou aqui?

R: Não

Fragmento 2

R: Não, é de aqui...Olha cabelos! (mete a mão na caixa e puxa por uns cabelos) Ah! Não (aparece uma boneca em pano) Olha! É a Pipi das Meias Altas! Conheces?

P: Conheço

R: Eu vi, lembro-me da música (canta)...

P: Também está nu

R: Pois tá

P: E esta? Não te faz confusão?

R: Não, porque não tem maminhas

(Pega num boneco de Ken)

Fragmento 3

R: Olha esta boneca está totalmente nu

P: Já não te faz confusão?

R: Sim

P: Porquê?

R: Por causa das maminhas, as mamas são más

Fragmento 4

Fica a brincar com as bonecas, despe-as

R: Ai, vou vestir esta boneca que faz me confusão

P: Não gostas de vê-la nua?

R: Não

P: Porque?

R: Porque as mamas são feias

Fragmento 5

(pega em dois bonecos pin-pon)

R: Onde está a mãe? Mãe mãe!

P: Vamos procurar a mãe

(pega na caixa e despeja o conteúdo no chão)

R: A Pipi não pode ser (pega numa Bratz vestida com um vestido muito curto e um decote que deixa os seios à mostra, e coloca o boneco pin-pon ao colo dela)

O que estes fragmentos têm em comum é o facto de todos eles mostrarem a apreensão que, por vezes, o Rui manifestava perante os seios das bonecas. O seio é um símbolo universal da figura materna. No caso do Rui, este simbolismo é confirmado quando, por exemplo, no excerto 5, dá a entender que só uma boneca com seios pode desempenhar uma função materna. Assim, a aversão aos seios pode ser entendida como a aversão à figura materna. Contudo, o protagonismo que o seio adquire nos fantasmas, no jogo, e na vida onírica do Rui parece indicar que a relação objectal é ainda parcial. A figura materna não parece estar ainda constituída com um objecto total no seu psiquismo.

Ainda, os seios das bonecas, que o Rui não consegue olhar (excerto 4), que considera “feios” (excerto 4) e “maus” (excerto 3), são tratados por ele como se fossem o objecto que representam, isto é, o seio materno que priva e frustra, no qual projecta o instinto de morte, tornando-o, assim, num objecto persecutório. Os símbolos não são percebidos como tais, isto é, como representantes dos objectos originais, senão que são sentidos e tratados como se fossem idênticos ao objecto. É o que Hanna Segal (1957) denomina de equação simbólica.

Este fenómeno aparece também no Rorschach:

Cartão I

“boneca sem cabeça..porque eu puxei pela cabeça”

Nesta resposta o Rui trata a imagem projectada como se fosse um objecto real que ele pudesse manipular. Não só este cartão remete para o materno, como o próprio Rui escolheu-o como cartão da mãe. Deste modo, a sua resposta dá conta da intensidade dos ataques sádicos infringidos, na sua fantasia, ao corpo materno. A intensa hostilidade do Rui em relação ao primeiro objecto parcial é confirmada por um sonho que foi relatado pela mãe durante a entrevista. A Sra. R contou que no fim-de-semana anterior, o Rui tinha chegado a casa a chorar, muito assustado, dizendo ter tido um sonho em que a mãe tinha um seio perfurado. A mãe explicou que tentou acalmar o filho dizendo-lhe que só se tratava de um sonho. Contudo, o Rui não ficou tranquilo até que a mãe lhe mostrou o seio e pôde confirmar que tal agressão não tinha acontecido.

Embora só verbalize o desagrado que lhe causam os seios das bonecas, o comportamento do Rui mostra que também reconhece neles qualidades positivas, ou pelo menos um grande efeito de atração: tem preferência por bonecas que têm estes caracteres sexuais marcados (Barbies e Bratz); com frequência veste-as deixando os seios à mostra; insiste em levar as bonecas para casa; e, numa ocasião em que fez uma cópia em papel de uma boneca, insistiu em que fosse a terapeuta a desenhar os seios. O medo de não conseguir desenhá-los correctamente mostra a grande preocupação com “estragá-los”. Portanto, para o Rui o seio materno também tem qualidades boas e belas que precisam de ser protegidas. Estas duas atitudes contraditórias e simultâneas, de apreensão e idealização, em relação ao seio, dão conta do mecanismo de clivagem do objecto.

A clivagem é um dos primeiros mecanismos usados pelo ego para defender-se contra a angústia, permitindo-lhe, paradoxalmente, organizar-se. As pulsões de vida e de morte presentes, segundo Klein (1957), desde o nascimento, resultam na emergência de um conflito com o qual o ego ainda rudimentar não consegue lidar. Para defender-se, o ego imaturo projecta o instinto de morte no exterior, associando-o às experiências de privação e frustração com o seio materno, e criando a ilusão de um mau objecto que é atacado e que, por medo à retaliação, se torna persecutório. Ao mesmo tempo, o ego projecta uma parte do instinto de vida, ligando-o às experiências gratificantes com o seio materno, e criando a ilusão de um objecto idealizado. Assim é estabelecida a clivagem inicial. Quando as experiências gratificantes predominam sobre as frustrantes, o ego é capaz de introjectar o objecto idealizado, identificar-se com ele e receber de volta as partes más ou destrutivas sentidas como persecutórias (Golse, 2001). Acede assim à percepção do objecto total e à paralela integração do próprio ego, entrando na fase depressiva. A introjecção e integração do bom objecto no ego é a base de um desenvolvimento saudável (Klein, 1957).

Mas factores externos e reais podem alimentar também estes fantasmas. Se houve complicações durante o parto e puerpério, a relação com o objecto primário começa em desvantagem (Klein, 1957). Este parece ter sido o caso do Rui, que nasceu com sofrimento fetal (o parto foi provocado porque o coração estava muito acelerado), problemas respiratórios (pulmão obstruído), e foi afastado da mãe logo após o nascimento (ficou na incubadora durante vários dias). Deste modo, a separação normal mãe-bebé que já de por si implica o nascimento, terá tido um maior impacto psicológico e emocional no Rui. Nestas

circunstâncias, a capacidade do bebé para experimentar gratificação pode ficar diminuída, o que vai dificultar a introjecção do bom objecto.

O parto e as más experiências intra-uterinas produzem ansiedade persecutória e de aniquilação, que o seio da mãe deve neutralizar. Na entrevista, a mãe refere que o Rui queria biberão a toda hora, o que pode indicar a presença de intensa angústia à nascença.

A forma como o bebé é alimentado e cuidado, ou o facto de a mãe sentir prazer com ele, também influenciam a capacidade do bebé em aceitar o leite com prazer e introjectar o bom objecto (Klein, 1957). Sabendo que a mãe do Rui perdeu a custódia dos três filhos mais velhos, e que a do Rui está, ainda, em causa, parece razoável inferir que esta senhora não possui capacidades maternais mínimas, pelo que não terá sido capaz de proporcionar cuidados suficientemente bons ao filho.

A forma como a criança é pegada (*holding*), tratada e manipulada (*handling*) pela mãe condiciona tudo o que vem a seguir. Os cuidados assegurados de forma suficientemente boa e regular, desempenham uma função protectora contra todas as experiências de angústia, sejam elas de natureza fisiológica, sensorial, ou psíquica. O *holding* é o que proporciona o sentimento continuado de existir à criança, possibilitando a sua maturação, a constituição do seu ego, e a capacidade de estar só (Winnicott, s/d, cit. por Golse, 2001).

Deste modo, as repetidas experiências de frustração no contexto da relação precoce terão levado a uma intensificação do instinto de morte no Rui, provocando fortes sentimentos de ódio e raiva em relação ao mau seio, assim como inveja e ressentimento em relação ao bom seio, que, na fantasia do bebé, tem tudo o que ele deseja (leite e amor), mas guarda para si. O seio violentamente atacado perde o seu valor, sendo mais difícil recuperá-lo como bom objecto (Klein, 1957). A inveja surge inclusive quando o bebé é privado, pois este cria a fantasia de um seio gratificante ilimitado, sendo este sentimento outro dos grandes obstáculos à introjecção do bom objecto e, portanto, à integração do ego (Klein, 1957). Assim, os sentimentos de hostilidade parecem ter provocado ataques fantasmáticos tão violentos, que só reforçando a clivagem inicial e mecanismos associados (idealização e negação), o ego do Rui terá sido capaz de proteger o bom objecto das suas projecções agressivas (Klein, 1957).

Mas, para além de representar a figura materna, o seio pode ter ainda mais significados. Segundo Klein (1930), nas fantasias mais precoces da cena primitiva, o pénis do pai é incorporado no corpo da mãe durante o acto sexual. Deste modo, os ataques sádicos ao

seio poderiam representar, no Rui, um ataque tanto ao objecto materno como ao paterno. Neste sentido aponta a seguinte resposta do CAT:

Cartão 3

“O leão disse AUAU!, e o rato estava a comer a bengala e estava a comer o rabo do leão. O leão está sentado na cadeira e o rato é pequenino, e o leão depois mordeu-o e comeu-o”.

Parece que o rato (Rui) está a comer os atributos fálicos do leão (pai), sendo por isso castigado ou “castrado” por este último de forma muito crua e primitiva, ao ser totalmente devorado.

Cartão 6

“O bebé estava quase a adormecer, a mãe adormeceu e o filho foi-se embora, foi-se embora, foi-se embora.”

O escotoma do pai nesta resposta indica um conflito com o mesmo.

O Rui manifesta, de facto, maior hostilidade em relação à figura paterna. Decide não inclui-lo no Desenho da Família (Anexo 2) porque “fuma”, e refere não querer falar sobre ele nas consultas porque “é um bêbado”. A mãe diz que o Rui “está revoltado” com o pai por este não o ter visitado nunca. O abandono deste pai não é só emocional, é real e total. Talvez a negação do próprio sexo biológico possa ser entendido no mesmo sentido, como um ataque ao próprio pénis que é sentido, numa nova equação simbólica, como a própria figura paterna.

Sabemos pela entrevista que, se bem que o pai do Rui se tenha demitido totalmente da sua função paterna, este também parece ter sido excluído da díade. A mãe expressa um grande temor em relação ao ex-marido, descrevendo-o de forma muito negativa e com grande distância emocional, como se fosse um estranho. Refere que sempre manteve o Rui afastado dele por medo de este lhe contagiar alguma doença. No entanto, dá a entender que o casal tinha relações sexuais, muito provavelmente na presença do Rui, pois os três partilhavam o mesmo quarto.

Este comportamento paradoxal da mãe é assimilável à comunicação *double bind* que, segundo alguns autores, está na origem da esquizofrenia. A Sra. R enviava mensagens

contraditórias ao filho, colocando-o num dilema de impossível solução. Por um lado, transmitia-lhe a ideia de que o pai era uma pessoa doente e perigosa, de quem o Rui tinha de ser protegido. Por outro, dormindo e mantendo relações sexuais com ele, a mãe “beneficiava” de uma intimidade que ao Rui era negada.

Deste modo, ao não ter sido introduzido o terceiro elemento na infância mais precoce, a relação simbiótica não terá sido interdita. Quando, aos cinco anos, na entrada ao Édipo, o pai põe a mãe e filho na rua, a inscrição do Nome-do-Pai vai ser definitivamente impedida, o que implica a continuidade do desejo da mãe no Rui, e não instauração da falta e do desejo nele (Lacan, 1998).

Assim, as relações objectais do Rui parecem ter estado bastante longe de serem promotoras de um desenvolvimento saudável. Segal (1957) explica que a perturbação das relações entre o ego e seus objectos resulta em perturbações na formação de símbolos. A indiferenciação entre o ego e o objecto, impossibilitada pela projecção e a clivagem, leva à indiferenciação entre o símbolo e o objecto e, portanto, ao pensamento concreto característico da psicose. Neste sentido, pode-se afirmar que a falha da função materna na relação precoce mãe-bebé teve como consequência uma falha na função continente do Rui. Não tendo tido uma mãe capaz de conter, metabolizar e devolver as suas angústias numa forma assimilável, o Rui não terá tido grandes oportunidades de desenvolver o seu próprio aparelho de pensar. A falha na relação continente-conteúdo, ou ausência de complementaridade entre as próprias projecções e receptividade da mãe, faz supor que as evacuações do Rui regressariam de forma mais violenta, intensificando as angústias, impedindo o desenvolvimento de um ego forte, de um aparelho de pensar, e de um sentimento de segurança e confiança no mundo (Bion, 1962).

Em suma, o materno entendido como a função alfa ou capacidade de *rêverie* do objecto primário, num primeiro momento, e como a função continente de um aparelho de pensar próprio, num segundo momento, estão gravemente perturbadas no Rui.

Em relação ao feminino, parece existir no Rui, para além de uma clivagem do seio materno nos seus aspectos bons e maus, uma clivagem de objecto em relação ao género, em que o masculino é associado ao mau objecto e o feminino ao objecto ideal. Sendo as relações objectais parciais, a idealização do feminino expressa-se através da valorização de traços e características estereotipadamente femininas, como é o cabelo comprido, as roupas e acessórios. Em contrapartida, a desvalorização do masculino manifesta-se pela rejeição das

actividades e brincadeiras típicas deste sexo, e talvez pela negação do seu equivalente simbólico, o pénis.

As relações de objecto parciais, clivagem, projecção maciça, identificação projectiva, e equação simbólica parecem indicar que o nível de funcionamento mental do Rui corresponde ao da posição esquizoparanoide.

4. 2 – O Animado e o Inanimado

Fragmento 6

R: Posso levar a boneca?...Estas bonecas são muito quentes, eu fico com imenso calor ao pé delas, ontem à noite até tossia...

Fragmento 7

R: Ai esta boneca, tive tantas saudades dela! Sem um bracinho coitadinha

R: Vou dormir com elas, esta é a mãe, esta é a tia, e esta é a avó

(Deita-se encima delas, depois levanta-se e põe o resto das bonecas, conta-as, eram umas oito mas ele conta dez, são bonecas de todo o tipo, pega numa e dá um beijinho)

R: São minhas amigas

Fragmento 8

R: Posso levar esta boneca?

P: Rui tu já não precisas levar nada de aqui para pensar e lembrar-te de mim

R: Preciso sim, eu não consigo pensar, eu quero levar

P: Tu se calhar queres levar estas bonecas porque pensas que elas são como pessoas e te fazem companhia, mas elas não são pessoas, são objectos, não falam nem pensam

R: Mas eu falo com elas e eu faço de conta que elas respondem e também durmo com elas...

Fragmento 9

R: Esta boneca é nova?

P: Não, já estava aqui

R: Parece uma pessoa. Se bebesse sangue ficaria com vida (Abraça-se a outra boneca, deitado no chão, e dá mimos).

Fragmento 10

R: Vou por os leggins a esta boneca...não consigo

P: são muito pequenos para essa boneca

R: não são, são as pernas dela que fazem de propósito, as pernas é que fazem de propósito

Fragmentos 11

Tenta meter o rabo da sereia por dentro da minha camisola, toca-me nas costas

R: Faltam te as pilhas...

O que sobressai nestes fragmentos é o facto de o Rui tratar as bonecas como se fossem pessoas, e à terapeuta como se fosse uma boneca (*faltam-te as pilhas*). A diferenciação entre o mundo animado e o mundo inanimado não parece estar ainda bem constituída, prevalecendo o mundo da fantasia sobre o mundo real.

Mahlher (1960) entende o mecanismo de desvitalização do mundo objectal humano (excerto 11) como uma defesa perante estímulos que exigem respostas emocionais-sociais altamente complexas para um ego regredido; enquanto que o mecanismo de animação do mundo objectal não humano (fragmentos 7, 8, 9) seria uma tentativa de recapturar a relação de amor primária. Apesar das bonecas serem equacionadas à múltiplos objectos (mãe, tia, terapeuta, amiga), dando conta da confusão e instabilidade objectal do Rui, na maior parte das vezes elas parecem estar no lugar de um objecto que traz alguma segurança. Neste sentido, podem funcionar como objectos transitivos (Winnicott, 1953), isto é, como objectos mediadores entre a realidade interna e externa, facilitando a transição de um tipo de relação objectal primitiva, de tipo fusional e oral, para uma verdadeira relação de objeto, em que a diferenciação eu-outro é reconhecida.

Winnicott (1953) explica que os objectos transitivos, e a área de ilusão à qual pertencem, possuem a função de aliviar a crescente tomada de consciência da diferença entre a realidade interior e a realidade exterior, um processo que pode ser difícil porque implica a perda da ilusão e do controlo mágico da realidade. O objecto transitivo permite, assim, o

prolongamento desta ilusão, dando sentido e continuidade à própria existência (Winnicott, 1953).

Sabemos que o Rui começou a manifestar um grande interesse pelas bonecas quando foi institucionalizado no Sul do país junto da mãe. Tendo conhecimento da existência dos três meio-irmãos mais velhos, todos eles afastados da mãe desde crianças, o Rui terá vivido a institucionalização como uma ameaça de separação da figura materna (real, pelo historial e falta de condições económicas). Um sentimento que terá sido agravado pela indisponibilidade emocional da mesma, que na altura começou a sofrer de fortes enxaquecas, muito provavelmente um sinal somático de ansiedade e depressão. Perante os traumáticos acontecimentos, o Rui, por sua vez, parece ter regredido a pontos de fixação muito precoces, activando mecanismos de defesa primitivos, e procurando conforto nos objectos transitivos. A dura realidade imposta abruptamente pelos sucessivos acontecimentos terá suscitado no Rui a necessidade de manter a ilusão do controlo mágico e onnipotente sobre a mesma.

O fenómeno transitivo indica que o Rui ainda não tem bem constituída a constância objectal, não conseguindo representar mentalmente o objecto na sua ausência. Deste modo, compreende-se a necessidade que manifestou durante as sessões de levar uma boneca para casa, na tentativa de aliviar a ansiedade de separação que lhe suscitava o tempo de espera entre consulta e consulta.

As qualidades especiais de todo objecto transitivo descritas por Winnicott (1953) parecem estar presentes na relação do Rui com as bonecas: afirma ter direitos sobre elas, pedindo para levá-las e insistindo em que lhe pertencem; são tratadas afectuosamente (excerto 7); criam excitação (excerto 6); mas também são mutiladas (corta-lhes o cabelo ou puxa pela cabeça); sobrevivem aos instintos de amor, ódio e agressão projectados sobre elas; proporcionam-lhe conforto (excertos 7 e 8); e parecem ter vitalidade própria (excerto 9, 10).

Contudo, por vezes as bonecas perdiam sua qualidade protectora e confortante. Por exemplo, no excerto 10, o Rui fala dos membros inferiores da boneca como se fossem a boneca inteira, que por sua vez equaciona a um ser humano, atribuindo-lhes uma intencionalidade maligna. Este é um exemplo de como, ao projectar o mau objecto interno e as partes más do *self* nas pernas da boneca, estas se transformavam, pelo medo à retaliação, em objectos persecutórios.

O seguinte fragmento é outro exemplo do uso da projecção maciça:

Fragmento 12

R: Posso levar esta?

P: Sabes que não

R: Mas esta era minha

P: Esta boneca esteve sempre aqui (o Rui começa a bater com a boneca no chão e contra o armário, depois faz o mesmo com outra boneca diferente)

S: Estão malucas! Viraram malucas! (atirando-as) Esta é que é bem comportada (pega na Bratz loira).

Nesta passagem, o Rui projecta e desloca para as bonecas a raiva que lhe provoca a frustração introduzida pela psicóloga. A projecção está sobretudo ligada à agressividade e ao ciúme. A presença deste mecanismo indica a inexistência de recalçamento, sendo um mecanismo mais arcaico, característico do funcionamento psicótico.

Do mesmo modo, o obscurecimento da distinção entre o mundo objetal humano e o ambiente inanimado é um fenómeno que se encontra, de forma mais marcada, nas crises psicóticas agudas, sendo resultado da regressão ao estado de desdiferenciação primitiva.

Já a persistência do fenómeno transitivo que, no desenvolvimento normativo, surge entre o quarto e decimo-segundo mês, confirma, mais uma vez, que a organização mental do Rui é muito primitiva.

4.3 – Narcisismo e Onnipotência Infantil

Fragmento 13

R: Ah! Esta boneca era minha! Há muito tempo que eu deixei cá

P: Esta boneca esteve sempre cá

R: Sim, não te lembras? Ela era minha

P: Tens uma igual?

R: Não, era esta, era esta, aquela loira não era, que é feia

P: Esta boneca está cá há muito tempo, inclusive antes de tu começares a vir

R: Mas era minha, foi a Fabiana que me roubou e trouxe

Fragmento 14

R: Estas bonecas fui eu que trouxe, a minha mãe disse-me para levar

Fragmento 15

R: Ah! Esta boneca era minha! Há muito tempo que eu deixei cá

P: Esta boneca sempre esteve cá

R: Sim, não te lembras? Ela era minha

P: As vezes pode te parecer que estas coisas são um bocado tuas, e quando não estas aqui sentes falta das coisas que tens aqui comigo....

Fragmento 16

Vê um vestido

R: Ah! Este vestido era meu! Eu é que deixei ficar aqui

P: Quiseste deixar?

R: Sim

P: Então agora já es capaz de deixar as tuas coisas boas cá, para a Silvia se lembrar de ti

...

Vai ao armário, abre-o e tira as bonecas

R: Ken! Eu já tenho um como este

P: Já tens um Ken?

R: Sim e também tenho esta boneca e esta e esta...

P: Então tu já não precisas levar nenhuma, já tens as tuas, já tens muitas coisas boas dentro de ti

Fragmento 17

R: Vou fazer magia fecha os olhos

(esconde os leggins)

R: Vou fazer magia fecha os olhos

(faz de conta que encontra os leggins detrás da minha orelha)

R: Vou fazer magias fecha os olhos (guarda cauda da sereia no bolso)

Fragmento 18

R: *Eu já não tenho magias*

P: *Então*

R: *Já não consigo fazer*

P: *Perdeste os teus poderes?*

R: *Sim (fica paralisado, sem brincar, com ar muito triste)*

Estes fragmentos exemplificam alguns comportamentos que foram recorrentes no Rui durante as consultas terapêuticas, como, por exemplo, as afirmações de propriedade ou o jogo das magias. No primeiro caso, o Rui insistia em que este ou aquele brinquedo lhe pertenciam, tendo, portanto, o direito de levá-lo para casa. No segundo, jogava a ser mago, exibindo o poder de fazer desaparecer as coisas. Os truques consistiam em pedir-me para fechar os olhos e meter no bolso algum objecto da sala, nomeadamente roupas de boneca. Em muitas ocasiões guardava mais uma peça e levava às escondidas (excerto 17).

Vistos desde fora, estes dois tipos de comportamento podem ser descritos como simples mentiras e furtos, actos vulgarmente considerados anti-sociais. Contudo, não parece que o Rui procurasse obter um ganho material ou de cariz utilitário. A evolução dos mesmos oferece algumas pistas sobre a sua natureza e significado.

O Rui começou pedindo, no final das sessões, para levar esta ou aquela boneca, interpretando-se a necessidade de um objecto transitivo para aliviar a angústia de separação (*É muito difícil para ti esperar uma semana, parece que tens de levar estas bonecas para sentir-te seguro de que voltas*).

Numa segunda fase, o Rui começou a afirmar que esta ou aquela boneca lhe pertenciam, que tinha sido ele a deixá-las no gabinete (fragmentos 14, 15), e que agora iria levá-las de volta. Por outras palavras, passou de pedir as bonecas a reclamá-las. Na mesma altura, mais ou menos, começou o jogo das magias. Neste segundo momento, as afirmações de propriedade e os roubos foram interpretados como sendo fruto do forte sentimento de inveja: *“Tu queres levar as minhas bonecas, tu queres levar as minhas coisas boas, quando vens aqui tu sentes coisas boas e queres levá-las contigo”*.

Segundo Klein (1957), a inveja produz um sentimento de zanga que pode levar ao impulso de roubar ou destruir aquilo que a outra pessoa possui e nós tanto desejamos. As

bonecas e os brinquedos da sala proporcionavam muita gratificação ao Rui, e, aos seus olhos, me pertenciam, pelo que, para ele, poderiam ser equivalentes simbólicos do alimento proporcionado pelo seio materno idealizado. Talvez o Rui fizesse uma equação simbólica entre, por um lado, os brinquedos da sala e a atenção e contenção que eu lhe proporcionava, e, por outro, o leite e o amor do seio materno (o que implica a instalação de uma transferência materna).

Numa terceira fase, o Rui continuou a afirmar que as bonecas e outros brinquedos lhe pertenciam, mas agora esclarecia que tinha sido ele a deixá-los lá propositadamente, fazendo parte do gabinete só porque ele assim o permitia (excerto 16). Nesta altura começou também a pedir que lhe comprasse uma boneca. Embora finalmente compreendesse a impossibilidade de levar os brinquedos para casa, ele não desistiu de afirmar a sua pertença. Esta mudança de atitude, e os poucos resultados produzidos pelas interpretações anteriores, deram um novo sentido aos aparentes actos anti-sociais. Ao afirmar que os brinquedos da sala lhe pertenciam, o Rui parecia estar a negar o seu profundo sentimento de privação e de carência. Ao roubá-los, parecia estar, no fundo, a tentar reivindicar e reparar uma falta. Confirmam estas ideias a sua frequente afirmação de que as bonecas lhe tinham sido roubadas (fragmento 13).

Winnicott (1956) afirmava que a criança que furta um objecto não pretende o objecto furtado, mas a mãe a que tem direito. Muitos outros autores verificaram que detrás de uma criança que rouba se encontra sempre uma grande carência afectiva, abandono intra-familiar emocional ou real, separação parental, rigor extremo, ou abandono educativo total (Marcelli, 2005). Tudo isto faz parte da história do Rui. Contudo, Winnicott (1956) considera estes actos anti-sociais como um sinal positivo, pois a sua presença significa que a criança ainda tem esperança. Curiosamente ambos os comportamentos começaram a manifestar-se quando a relação terapêutica já estava bem estabelecida.

Ferenczi (s/d cit. por Marcelli, 2005) associava a mentira ao novo sentimento de onipotência do pensamento, colocada ao serviço do narcisismo infantil e do ego ideal. As mentiras do Rui parecem ser também uma forma de recuperar a onipotência infantil, ou, pelo menos, de conservar essa ilusão.

A onipotência aparece também no CAT:

Cartão 3

O leão disse “AUAU!” e o rato estava a comer a bengala e estava a comer o rabo do leão. O leão está sentado na cadeira e o rato é pequenino, e o leão depois mordeu-o e comen-o.

Aqui a onnipotência transparece no facto de o animal mais pequeno e indefenso, o rato, estar a comer os atributos fálicos do leão, rei da selva. Contudo, no fim esta onnipotência é retaliada com o aniquilamento.

Cartão 10

Eh! Esta é bue de fixe! O cão queria ir fazer xixi só que a cadela também queria fazer xixi e o cão queria-se vestir, queria-se lavar e depois o pai chegou e foi dormir. Ele queria ir para o pé da mãe para a sala e foi.

Nesta reposta, o desejo de ir ter com a mãe do cão-filho prevalece sobre o dever de ter que estar a dormir.

Ao longo das sessões, a onnipotência do Rui foi em aumento, manifestando-se, inclusive, no seu comportamento antes e depois das mesmas, entrando e saindo dos gabinetes e secretariado da Unidade com toda a liberdade, como se estivesse em sua casa.

Em suma, as mentiras não traduziriam a procura de um benefício concreto nem seriam intencionais, antes tendo por função restaurar a própria imagem e negar o sentimento de vazio. Do mesmo modo, os furtos parecem ser uma forma de preservar a onnipotência e narcisismo infantil. Isto é confirmado pelo fragmento 18, retirado de uma sessão em que o Rui se encontrava particularmente triste e abatido, referindo ter perdido os seus poderes mágicos.

Para Ana Freud, os conceitos de “é meu” e de “não é meu” desenvolvem-se muito progressivamente, paralelamente aos progressos que conduzem a criança para o acabamento da sua identidade (s/d, cit. por Marcelli, 2005). Uma identidade que no Rui é ainda muito precária.

4. 4 – Transferência e Contratransferência

Fragmento 19

R: Elas são minhas (as bonecas)

P: Elas são para tu brincares quando vens cá, por isso também são um bocadinho tuas, mas não podem sair de cá

R: Podes-me comprar uma boneca?

P: Eu não posso comprar-te bonecas, mas posso oferecer-te outras coisas, posso brincar contigo, posso ouvir-te, posso ajudar-te a pensar sobre as coisas...

Fragmento 20

R: O teu cabelo cresceu

P: Parece-te mais comprido?

(de repente fica furioso e tenta desfazer-me o penteado)

R: Agora és feia mana!

P: Pareces muito zangado com a tua irmã

R: Eu não, foi um monstro que fez isso!

Fragmento 21

Começa a mexer no meu cabelo e pergunta se pode fazer-me um penteado

R: Tens o cabelo como Rapunzel!

Fragmento 22

R: Tu és a bailarina?

P: Que bailarina?

R: A bailarina aquela...

P: A do ballet que foste ver na semana passada?

R: Acena

Fragmento 23

(De regresso à sala de espera, mostra-me um desenho da Bela e o Monstro)

R: Estão a beijar-se (aperta os lábios e aproxima-se para dar-me um beijo nos lábios, eu viro a cara e dou lhe um na cara)

P: A Dra. Silvia e eu demos um beijinho na boca!

O papel ou identidade que o Rui me atribuía transferencialmente era tão instável como a dele próprio. Assim, por vezes parecia predominar a transferência materna, como sugere o fragmento 19, em que me pede que lhe compre uma boneca, colocando-me no lugar da mãe que priva e frustra. Outras, colocava-me no lugar da irmã, como mostra o fragmento 20, projectando em mim os sentimentos de raiva e inveja próprios da relação fraterna. Em algumas ocasiões dirigia-se a mim como se fosse um objecto inanimado (excerto 11), usando o mecanismo primitivo de deanimação para a proteger-se de projecções perigosas (Kernberg, 1991). Também era frequente colocar-me no lugar do objecto idealizado, projectando em mim imagens de figuras femininas irreais (fragmento 21) ou idealizadas (fragmento 22) A idealização do terapeuta é um mecanismo de defesa perante sentimentos de ódio e/ou inveja que podem surgir na transferência. A inveja, como já foi referido, transpareceu de forma intensa nas afirmações de propriedade e nas tentativas de roubar e destruir os brinquedos. Nos seguintes excertos também pode observar-se:

Fragmento 24

P: (espirro)

R: Eu também estou constipado não és só tu

Fragmento 25

(Vai ao armário, abre-o e tira as bonecas)

T: Ken! Eu já tenho um como este

S: Já tens?

T: Sim e também tenho esta boneca, e esta, e esta...

Por último, em algumas sessões também me foi atribuído o papel de objecto de escolha sexual (fragmento 23).

As atitudes do Rui em relação à terapeuta, altamente voláteis e contraditórias, dão conta de flutuações na própria imagem. A precocidade da transferência, seu carácter caótico, e a intensidade da mesma mostram que a perturbação é grave.

Em relação à contra-transferência, as sessões com o Rui deixavam em mim uma sensação de profundo tédio e vazio. A emergência do processo primário, o predomínio da identificação projectiva, a falta de constância objectal e os conteúdos parciais obrigaram-me a reforçar o envelope-pele, assim como os meus limites e os do outro. Os aspectos clivados da personalidade que projectava de forma crua criavam em mim a necessidade urgente de mostrar coesão, tentando dar um sentido rápido e coerente ao que parecia caótico e incoerente. A destrutividade e inveja provocavam em mim uma atitude reactiva de reprimenda ou castigo, ou, mais exactamente, de aspectos sádicos que, no fundo, o Rui desejava ver surgir, e que tinham de ser tornados conscientes para poderem ser minimizados. A fabulação constante levava-me a perder o sentido da realidade, colocando-me a prova, estimulando o desvalor dos conteúdos expressos e o sentimento de estar a ser manipulada.

Na relação terapêutica foi possível identificar vários elementos característicos das duas modalidades de transferência psicótica descrita por Müller (2004). Em primeiro lugar parece que o Rui procurava na figura da terapeuta a onnipresença, beleza e bondade todopoderosa do bom objecto, procurando introjectá-la como bom objecto interno, de modo a fundir as representações idealizadas do *self* e do bom objecto. Este mecanismo defensivo, típico nas psicoses simbióticas (Müller, 2004) era evidente na constante demanda de disponibilidade total por parte da psicóloga, ou na exigência de que as suas necessidades e desejos fossem preenchidos no plano do concreto. Por exemplo, quando as sessões chegavam ao fim, era muito difícil persuadir o Rui para arrumar os brinquedos e sair do gabinete. De alguma maneira, sempre conseguia ganhar mais dez minutos de consulta, isto é de atenção e dedicação exclusiva. Já foi referido como insistia em que lhe fossem oferecidas algumas bonecas e brinquedos da sala, ou como pedia que fossem compradas especialmente para ele. Em algumas ocasiões lançou-se ao meu colo à procura de conforto e contacto corporal, sendo preciso estabelecer muito subtil e cuidadosamente estes limites. Também houve tentativas de satisfazer seus impulsos genitais tentando tocar-me ou beijar-me.

Um das funções deste tipo de transferência é, segundo Müller (2004), a de evitar o reconhecimento de sentimentos agressivos e de ansiedade na relação terapêutica, os quais

podem levar a interações paranoides. Outra motivação inconsciente é o estabelecimento de uma relação de objecto que compense a privação, frustração e carência experimentadas na relação precoce (Müller 2004).

A negação da distinção entre sujeito e objecto fazia-me sentir, contra-transferencialmente, muito próxima do Rui, chegando a considerar a nossa relação como indispensável para o seu bem-estar. Muitas vezes senti-me tentada a condescender e satisfazer os seus pedidos de gratificação, justificando-os com a racionalização de que o Rui tinha sido tão severamente privado e traumatizado que este tipo de intervenção correctiva e concreta era necessária. Contudo, sobra dizer que isso só teria contribuído à fixação da transferência simbiótica.

Outro tipo de transferência operante no Rui, associada à anterior, é a chamada transferência de objecto-do-self, típica nos estados pré-psicóticos, em que o paciente luta contra a fragmentação com a ajuda da idealização do objecto. Segundo Müller (2004), esta atitude é evidente quando o paciente expressa partes do *self* destrutivas, hipersexuais ou invejosas e urgentemente tenta negá-las (ver fragmento 20). Activando o mecanismo de identificação projectiva, o paciente projecta na terapeuta representações parciais do *self* e de objectos internos, criando a ilusão de uma fusão idealizada com o objecto do self. Deste modo, tratando a terapeuta como se fosse o objecto ideal real, e identificando-se a ela, o paciente sente que participa das qualidades e capacidades desta. Este tipo de ilusão parece ter estado presente na transferência do Rui. Contudo, por vezes esta transferência dava lugar a reacções paranoides. Quando questionado em relação a alguns temas ou aspectos menos bons da sua personalidade, o Rui respondia com frases como “*não gosto da conversa*”, e ameaçava com ir-se embora.

Os dois tipos de transferência descritos, simbiótica e de objecto-do-self, fazem parte, segundo Müller (2004) da transferência psicótica narcisista. Ambas informam sobre o que foi particularmente traumático ou ausente na relação primária do Rui: a ausência de uma relação com um objecto do self ideal, base do processo de identificação primária.

5. Discussão

A análise das quatro temáticas identificadas (O Feminino e O Materno; O Animado e O Inanimado; Narcisismo e Onnipotência Infantil; e Transferência-Contra-transferência) permitiram inferir algumas características do modo de funcionamento mental do Rui.

A primeira, o especial interesse e simultânea aversão aos seios das bonecas no Rui, parece dar conta da existência de uma forte clivagem, revelando a intensa idealização e paralela desvalorização da figura materna, que ainda não terá alcançado o estatuto de objecto total no seu psiquismo. Através do mecanismo de equação simbólica, os seios das bonecas são tratados por ele como se fossem aquilo que representam, embora se considere a possibilidade de os ataques fantasmáticos estarem também dirigidos à figura paterna, pois, segundo Klein (1930), as fantasias da cena primitiva levam as crianças a acreditar que o pénis do pai é incorporado no corpo da mãe durante o acto sexual. Para além da clivagem do objecto materno, parece haver, ainda, uma clivagem de objecto em relação ao género, estando o feminino no pólo idealizado e o masculino no pólo rejeitado. Contudo, sendo as relações objectais ainda parciais, a clivagem só tem em conta os aspectos superficiais e estereotipados de ambos os sexos.

Em relação ao segundo tópico, verificou-se no Rui uma fraca distinção entre o mundo animado e o mundo inanimado, dando conta da presença de dois mecanismos de defesa bastante primitivos. O primeiro, o mecanismo de desvitalização do mundo objectal humano, parece cumprir a função de proteger o ego regredido do Rui de estímulos emocionais e sociais para os quais não está ainda preparado (Mahler 1960). O segundo mecanismo, que consiste na animação do mundo objectal não humano, pode ser entendido, por sua vez, como uma tentativa de recuperar a relação de amor primária (Mahler 1960). Neste mesmo sentido foi interpretado o forte apego do Rui às bonecas, que cumpriram a função de objectos transitivos, isto é, de aliviar a tomada de consciência da diferença entre a realidade interna e a externa, uma tarefa difícil para o Rui devido à falta de constância objectal.

A terceira temática revelou que os pequenos furtos e mentiras observados durante o acompanhamento não podem ser entendidos como simples actos anti-sociais. O jogo das magias e as afirmações de propriedade parecem ter, antes, no Rui, as funções de negar sentimentos de privação e de carência, reclamar a mãe a que tem direito, e recuperar a

omnipotência infantil (Winnicott, 1956). De facto, a aparição de ambos comportamentos no decurso da terapia é considerado um sinal positivo, indicando o surgimento de um sentimento de esperança no Rui (Winnicott, 1956).

A última categoria veio salientar a grande confusão e instabilidade do mundo objectal interno do Rui, assim como fortes sentimentos de inveja, tédio e vazio. A partir das projecções do Rui e das reacções da terapeuta, foram identificadas dois tipos de transferência: a transferência simbiótica (Müller, 2004), em que o Rui procura fundir as representações idealizadas do *self* e do bom objecto com a figura idealizada da terapeuta, numa tentativa de compensar o sentimento de carência; e a transferência de objecto-do-self (Müller, 2004), que consiste na ilusão de fusão idealizada com a terapeuta, permitindo ao Rui partilhar as qualidades e capacidades desta. Ambos os tipos de transferência são características das psicoses narcisistas descritas por Müller (2004),

Em suma, tomando por base a avaliação cognitiva e emocional, a observação do jogo, o acompanhamento, e a entrevista à mãe, foi possível observar algumas características importantes do modo de funcionamento mental do Rui: falha narcísica e identitária; relações de objecto parciais; clivagem; projecção maciça; mecanismos de animação e deanimação; equação simbólica; fenómeno transitivo; sentimentos de inveja, tédio e vazio; e transferência psicótica narcisista, entre outros. A partir destes elementos inferiu-se que a organização mental do Rui situa-se num nível muito primitivo, o da posição esquizoparanóide, que, no desenvolvimento normal, corresponde aos seis primeiros meses de vida. Neste tipo de organização mental, o seio, primeiro, e a mãe, depois, estão clivados nos seus aspectos bons e maus. O objectivo do ego é a união total com o objecto idealizado (o regresso à simbiose uterina) e a aniquilação completa do objecto vilipendiado. Predomina o pensamento onnipotente e o sentido da realidade é precário e intermitente. O mecanismo de defesa operante é o da identificação projectiva, pelo qual o sujeito projecta partes de si no objecto, identificando-se a elas, ao tempo que os objectos internos também são projectados no exterior e identificados a partes da realidade. Estas primeiras projecções e identificações constituem o início do processo de simbolização. Contudo, os primeiros símbolos não são percebidos como tais, isto é, como representantes dos objectos originais, senão que são sentidos e tratados como se fossem idênticos ao objecto.

A presença de equação simbólica no Rui põe em evidência a sua fixação e regressão a este modo de funcionamento mental anterior à formação da função simbólica. Mas muitos outros elementos, para além dos já referidos, suportam esta afirmação:

O uso do mecanismo primitivo da negação foi observado na: projecção, que supõe a negação de partes do self (instinto de morte, ódio, inveja); na clivagem, que supõe a negação dos aspectos maus do objecto; mas também na recusa da importância de alguns objectos (figura paterna) e atributos corporais ou realidade externa (sexo biológico). Klein (1946) refere que a negação é um mecanismo de defesa inicial, primitivo e violento em que o ego luta contra ansiedades psicóticas. À diferença da repressão, em que a realidade externa é respeitada, na negação há uma obliteração onnipotente sem referência à realidade concreta.

O contraponto da negação, a idealização, também foi observada. Esta da conta do ódio e inveja dirigidos ao seio materno, sendo uma forma de contra-balançar estes sentimentos negativos. Para Klein (1952), a idealização do objecto é essencialmente uma defesa contra as pulsões destrutivas, sendo o producto de uma clivagem levada ao extremo entre um bom objecto idealizado e um objecto mau persecutório. A idealização permite manter à distância o objecto mau e perseguido, evitando a sua confusão com o objecto bom. Contudo, este último não permanece perfeito indefinidamente, pois qualquer acontecimento ou frustração conduz a uma mudança abrupta para o objecto mau. Isto era muito visível no Rui, que passava de pentear e vestir cuidadosamente uma boneca, pedindo insistentemente para levá-la, a, no minuto seguinte, puxar-lhe o cabelo, atirá-la pelo ar e chamá-la feia. Segundo Klein (1952) estas oscilações só são ultrapassadas na posição depressiva, ao desenvolver-se uma certa tolerância a um objecto bom que não é totalmente perfeito.

Mas, na idealização, as partes boas do *self* também são projectadas no objecto externo. A projecção de sentimentos positivos e partes boas do *self* são fundamentais para o estabelecimento do bom objecto interno e integração do ego. Contudo, quando este mecanismo é excessivo, como no Rui, partes boas da personalidade são sentidas como perdidas e acabam por tornar-se o ego ideal, resultando no empobrecimento do ego. A idealização, ao estender-se rapidamente a outras pessoas, dá lugar a uma extrema dependência dos representantes externos das partes boas do *self* (Klein, 1946). Este processo pode estar na base da extrema dependência do Rui em relação às bonecas, nas que não só projectaria partes do objecto idealizado como também partes boas do próprio *self*.

O Rui faz também uso do mecanismo de identificação projectiva, na sua versão mais patológica. Klein (1946) descreveu este mecanismo de defesa como a expulsão violenta das partes mais terríficas do *self* no objecto da relação, com a intenção de controlá-lo ou prejudicá-lo a partir do interior. A seguir apresenta-se um exemplo retirado de uma sessão:

Fragmento 26

R: E estas feridas?

P: Alejei-me sem querer

R: Fui eu a fazer

Nesta sessão a psicóloga apareceu com uma ferida na boca. O Rui reparou e questionou em relação à mesma. A terapeuta ofereceu uma explicação, mas o Rui, ignorando-a, acreditou que tinha sido ele a provocar a lesão. Esta ilusão é o resultado da projecção da sua agressividade no interior da figura da psicóloga e fantasia associada de que assim é capaz de controlá-la e prejudicá-la.

Este mecanismo aparece também no Rorschach:

Cartão 1

“...Boneca com mamas e asas, sem cabeça, porque eu puxei pela cabeça”

Outro elemento primitivo muito presente é a onipotência, visível no comportamento do Rui, que entrava em todos os gabinetes da Unidade sem pedir autorização, pegava em tudo aquilo que lhe interessava, afirmava que os brinquedos lhe pertenciam, e até reclamava o direito de os levar consigo. O uso das bonecas como objectos transitivos também tem por objectivo o controlo onipotente do objecto materno. Ainda, o desejo de ser menina pode dar conta da onipotência do pensamento, enquanto que o jogo das magias mostrou ser uma tentativa de preservação desta ilusão infantil. Por último, lembrar que onipotência está também envolvida em alguns mecanismos de defesa, como por exemplo na negação ou na identificação projectiva. Nesta última, a identificação do *self* ao objecto supõe a fantasia onipotente de dissolução das fronteiras entre eles.

A clivagem do objecto, já comentada, é acompanhada no Rui pelo desdobramento do ego (Bergeret, 1998), em que uma parte do ego permanece em contacto operativo com a realidade, enquanto que a outra perde-o ao negar os aspectos angustiantes da mesma. O desdobramento do Ego observa-se em passagens como a seguinte:

Fragmento 27

R: O teu cabelo cresceu

P: Parece-te mais comprido?

(de repente fica furioso e tenta desfazer-me o penteado)

R: Agora és feia mana!

P: Pareces muito zangado com a tua a tua irmã

R: Eu não, foi um monstro que fez isso!

Também se manifesta no fenómeno do gémeo involuntário, que consiste no desenvolvimento de uma personalidade separada, cindida, e bizarra, lado a lado da personalidade normal, caracterizado-se por qualidades activas e até perversas (Boavida, 1995), como mostram os seguintes excertos:

Fragmento 28

R: Eu já não tenho bonecas

P: Como é isso?

R: À única que tinha pintei madeixas e ficou estragada

P: Estragaste a boneca

R: Mas não fui eu

P: Então?

R: Foi ele

P: Quem?

R: Meu amigo imaginário

P: Tens um amigo imaginário?

R: Tenho

P: E que é que ele diz?

R: *Que tem saudades da Silvia*

P: *Parece-me que tu também tiveste saudades minhas*

R: *(Acena)*

P: *E que mais fazem os dois?*

R: *Ele estraga*

P: *Estraga o que?*

R: *Estraga a minha beleza*

Fragmento 29

P: *Precisas de ir à casa de banho?*

R: *Não eu já fui, tava lá um menino*

P: *Aonde?*

R: *Na casa de banho, tava lá um menino e fizemos sexo, foi ele que quis*

O desdobramento do ego é um mecanismo de defesa psicótico contra a angústia de fragmentação e de morte. Ele antecede à descompensação, quando o ego ainda luta com eficácia contra o rebentamento efectivo (Bergeret,1998). Nos casos mais extremos de desdobramento, o ego pode reconstituir uma neo-realidade mais tranquilizadora (Bergeret, 1998). Talvez o desejo de ser menina no Rui represente o primeiro tempo de uma futura convicção delirante.

A emergência em processo primário observa-se no uso que o Rui faz da linguagem:

Fragmento 30

(Encontra numa boneca de porcelana)

R: *Posso levar esta?*

P: *Sabes que não...Esta boneca é muito frágil, tens de tratar com cuidado porque pode partir*

R: *Que há nesse saco?*

P: *Revistas*

R: *Posso ver? Pois é. Que frágil! Que há aqui dentro?*

(Abre outra porta e encontra um Nenuco, uma banheira, um relógio e outros brinquedos)

R: *Que frágil! Vamos por todos aqui fora. E este relógio? (tenta tirar do embrulho)*

P: *é melhor não tirar o embrulho*

R: *É frágil (fecha a porta mas não consegue)*

R: *Isto não fecha! (repara que há um boneco a bloquear a porta) Que é este boneco? É um velhinho?*

P: *Parece, tem barba e óculos.*

R: *É frágil. Tu sabes o que é frágil?*

P: *Eu sim, e tu?*

R: *(não responde)*

P: *Que é frágil para ti?*

R: *Brinquedo-seca*

Fragmento 31

R: *Esta boneca tem o cabelo enrizado (rizo, com caracóis)*

(penteia com um rabo de cavalo com a minha ajuda)

R: *Tu também tens o cabelo enrizado*

R: *Está boneca não se aguenta, tem as pernas enrizadas....*

Assim como na crueza das suas fantasias:

Fragmento 32

R: *Toma*

P: *Um donut! Obrigada*

R: *Toma!*

P: *Um pastel de morango, que bom!*

R: *Toma sumo (pressiona a garrafa contra minha boca, com força)*

R: *Toma, é um pedaço de carne que se chama pipi!*

As fantasias de incorporação dão conta do uso deste mecanismo primitivo de internalização, típico da fase de indiferenciação eu-objecto, em que predominam fantasias de ingestão oral, de engolir ou destruir o objecto. Tipicamente encontram-se em pacientes com

psicoses, distúrbios de comportamento, e nos períodos de regressão grave na psicanálise de neuróticos (Boavida, 1995).

Klein (1957) considera que ao sadismo oral e às fantasias de ataque ao interior do corpo materno, se juntam os impulsos uretrais e anais, de modo que a urina e os excrementos se tornam armas perigosas. Este tipo de fantasias apareceram durante o acompanhamento do Rui. Por exemplo, numa sessão em que brincamos com marionetas, o Rui colocou a sua encima da minha dizendo: *“Agora a minha fazia xixi e cocó em cima da tua!”*.

A enurese do Rui pode ser entendida neste mesmo sentido. Klein (1957) associa este sintoma aos actos violentos de cortar, esfaquear, queimar ou afogar, enquanto vê a massa fecal como balas e mísseis. O sujeito sob estudo não só apresenta enurese como também expressa fantasias destrutivas de esfaqueamento, tal como mostra o seguinte sonho partilhado numa das sessões. A Carolina, uma menina da mesma idade que ele, com uma ligeira deficiência, aparecia morta na instituição onde o Rui está acolhido. Este, de repente, dava conta que tinha sido ele a esfaquiá-la. Quando o Rui terminou este relato, negou que se tratasse de um sonho, afirmando que tudo tinha sido verdade. Sem ignorar uma certa intenção provatória nesta mudança de atitude, o incidente não deixa de mostrar a fragilidade dos limites dentro- fora ou fantasia-realidade.

Outra característica a ter em conta é a falha na mentalização, confirmada pelos baixos resultados obtidos na WISC-III, a presença de equação simbólica ou pensamento concreto, a ineficácia das interpretações, e as associações por contiguidade.

A grande confusão e instabilidade do mundo objectal interno, observado na transferência, transpareceu também nas provas projectivas:

Cartão 4

“A cadela estava a andar de bicicleta, isto é um esquilo, não, é um canguru, a mamã estava a andar e o pequenino estava a andar de bicicleta, e depois o pequenino estava a segurar no balão, e depois a mamã tinha o chapéu e o cesto”.

Cartão 8

“ Os pais estão mascarados e depois a mamã e o macaco filho, a mamã estava a mandar para o quarto porque ele estava de castigo, e a tia e o avô mandaram sair e a mamã morreu.”

Cartão 9

“O coelhinho dormiu, abriu a porta e fugiu e foi ter com a mamã, e a mamã saiu do quarto e deixou-o ali, e, depois, foi ter com o filho”.

Nestas duas respostas do CAT identificam-se os procedimentos de confusão identitária, instabilidade nas identificações, e/ou escotoma. A instabilidade nas identificações também vê-se com clareza no jogo, num dos escassos momentos de jogo simbólico:

Fragmento 33

Veste a Barbie loira com calça de ganga e camisa, diz que na verdade é um rapaz, diz que é o seu namorado. Depois esta boneca rapaz “faz sexo” com outra boneca, as quais acabam por descobrir que no fundo eram irmãs.

Assim, o mundo interno do Rui parece fragmentado, instável e caótico. A ausência de um ego estruturado, permanência de objecto, limites entre o dentro e o fora, e relações de objecto totais situam sua problemática no não acesso à identidade, tal e como mostram as provas projectivas. Deste modo, apesar do sintoma mais exuberante ser relativo ao género, a falha parece ter acontecido antes, no processo de elaboração das identificações primárias. A questão principal com que o Rui se debate é a do ser inteiro. O reconhecimento da diferença entre sujeito e objecto, e a clara discriminação entre os reinos humano - não humano são ainda muito ténues.

Para os autores da teoria das relações de objecto, a diferenciação e integração do ego, e, portanto, da identidade, está intimamente ligada às representações mentais objectais. Estas representações dependem tanto das relações com os objectos reais, como da força e predominância dos instintos inatos do bebé, ou suas características constitucionais, nomeadamente a tolerância à frustração.

O não acesso a uma representação de objecto total indica que a passagem do Rui pela posição esquizoparanoide foi difícil. O trauma do nascimento e separação prematura da mãe terão deixado marcas no psiquismo, levando a uma reactividade exacerbada e baixa tolerância à frustração. Com uma mãe pouco empática e responsiva, as experiências de frustração parecem ter predominado face as de gratificação, levando à intensificação do instinto de morte. Com o aumento da ansiedade persecutória, a clivagem, um mecanismo normal que paulatinamente é abandonado dando passo à posição depressiva, terá sido reforçada, impedindo a unificação do bom e mau seio e a fusão dos instintos de vida e morte. A indiferenciação desta fase implica que o ego também se mantém desdobrado nos seus aspectos bons e maus.

Mas, para além dos sentimentos de ódio e raiva dirigidos ao mau seio, o Rui mostrou na transferência ser vítima de uma intensa inveja. Klein (1993) considera este sentimento uma forma particularmente maligna de destructividade inata, dirigida contra o bom objecto. A criança experimenta a bondade e cuidados da mãe, mas sente-a como insuficiente e ressentese do controlo desta sobre ele (Greenberg & Mitchell, 1983). Os ataques dirigidos ao bom seio são particularmente perigosos porque atenuam a clivagem que protege o bom seio do mau seio, fornecendo segurança à criança. Quando o bom seio é também atacado, a clivagem perde a sua eficácia e aumenta a ansiedade persecutória. A destruição do bom seio dificulta a sua introjecção, sendo este o factor mais importante para o desenvolvimento de um ego integrado e forte.

O contacto indiferenciado do Rui leva a supor que não adquiriu a angústia do estranho, indicador da capacidade de discriminar entre objectos externos.

Actualmente, com oito anos, o Rui continua a dormir com a mãe, o que mostra a incapacidade desta em renunciar à posse do corpo do filho. Por outro lado, mantendo o marido afastado do Rui, a mãe terá assegurado uma relação de exclusividade com este, ignorando as suas necessidades e usando-o como um mero prolongamento de si própria. A ausência de um verdadeiro laço emocional entre mãe e filho terá dificultado o processo de separação-individação e, conseqüentemente, o crescimento das funções autónomas do ego.

A posição anal também parece ter deixado, embora menos marcados, pontos de fixação, como mostram algumas respostas Rorschach:

Cartão IV

“...gigante com asas mãos e rabo”

“polvo que tem quatro pernas e a cabeça de polvo e o rabo, não, ele não tem rabo mas faz de conta que tem rabo”.

Cartão VI

“peito do monstro e o rabo com fogo”

Uma certa fixação anal também é evidente no forte desejo de apropriar-se dos conteúdos do interior do corpo materno. As frustrações normais desta fase parecem ter sido intensificadas pelos impulsos orais sádicos, aos quais, segundo Klein (1928), os impulsos anais se superpõem até ficarem amalgamados. Assim, o sonho do seio perfurado pode ser entendido como uma tentativa, no plano da fantasia, de apoderar-se das fezes maternas (= leite, bebês) penetrando no seu corpo e cortando-o em pedaços. A entrevista à mãe revelou como o treino do asseio esteve associado no Rui a um estrito controlo do contacto deste com o pai, o que terá agravado o ódio e a inveja em relação à mãe, que na fantasia do Rui, não só guardaria o leite e o amor para si, mas também a figura paterna. Estes sentimentos negativos aparecem de forma muito cru no C8 do CAT (ver mais acima).

Embora a diferenciação eu-outro, animado-inanimado, ou grande-pequeno seja ainda precária no Rui, há vários elementos no caso que confirmam a importância desempenhada pelo conflito edipiano, como, por exemplo, a representação da figura materna como instância super-egóica no CAT:

Cartão 1

“Vejo os pintainhos e a galinha que está a ver se os pintainhos comem tudo”

Cartão 8

“a mamã e o macaco filho, a mamã estava a mandar para o quarto porque ele estava de castigo”

Ou as dramatizações, no jogo, de cenas triangulares em que predominam os ciúmes e rivalidade:

Fragmento 34

Pega em três marionetas, dois homens (A e B) e uma mulher (C).

Faz de conta que A e C se estão a beijar.

R: Tu fazias que estavas a dormir (entrega-me a B)

P: (ponho marioneta B a rressonar)

R: Agora ele acordava e via estes dois (A e C) a beijarem-se

P: *“uhmm, acho que já são horas de acordar, vou espreitar pela janela a ver que tempo faz. Ui, que se estará a passar ai fora?”*

R: Ficava chateado

P: *“mas que é isto? não pode ser, é mesmo verdade? estou a ficar muito irritado com o que estou a ver”*

R: (a marioneta A começa a bater na cabeça da marioneta B, o Rui faz tanta força que me magoa na mão, peço para ser mais suave)

P: *“Ai ai ai, tudo bem, tudo bem, não me importo, façam o que entenderem, eu vou-me embora”*

R: (Pede para repetir a história, mas nesta ocasião a marionete A, depois de beijar C, vem ter com B e começa a beija-lo também. Num instante, A muda e começa a chamar nomes a B.

T: *“És feio e estúpido, larga, toma toma e toma”* (A bate a B na cabeça com força)

P: (B vai-se embora e encontra uma outra marioneta feminina, D, que o Rui reclama para si imediatamente, ficando com as duas mulheres)

R: Agora estes dois (A e B) iam lutar (encena uma luta muito violenta)

Ou a emergência de impulsos genitais na transferência:

Fragmento 35

(pega no Ken e na Barbie e faz de conta que fazem sexo, esfregando-os)

R: *“Olha ele já tem a pila dura”*

Fragmento 36

R: *Este bebé preto, tem pilinha? Vou ver*

(tira as roupas e vê, ri...Pega no Ken e faz de conta que está a fazer sexo com a boneca, depois faz o mesmo com o bebé e a boneca)

P: Que estão a fazer?

R: Sexo

Fragmento 37

Numa sessão fala de um tal Guillaume de sete anos que segundo ele é meu namorado. Digo que eu não tenho namorado e que de qualquer maneira um menino de 7 anos é muito novo para mim. Pergunto quantos anos acha que eu tenho, responde que 10 anos. Pouco depois atira-se no meu colo e tenta deitar-me no chão.

Mas isto não significa que o Rui tenha alcançado o Édipo. Os últimos fragmentos (36 e 37) mostram a indiferenciação entre gerações, patente também no Desenho da Família (Anexo 2) e no CAT:

Cartão 2

“Os três ursos estavam a brincar com a corda. O urso estava a aguentar e os dois ursos, este e este, estão a segurar este que caiu. E o grande caiu para cima do pequeno”

Aqui há diferenças de tamanho mas não de sexo nem de geração, pelo que não acede à triangulação.

Cartão 10

“...o cão queria ir fazer xixi só que a cadela também queria fazer xixi e o cão queria-se vestir, queria-se lavar e depois o pai chegou e foi dormir. Ele queria ir para o pé da mãe para a sala e foi”

Nesta resposta, as diferenças de geração estão esbatidas. Por um lado, parece haver uma espécie de competitividade e rivalidade entre o cãozinho e a cadela, isto é, entre mãe e filho, pois ambos querem realizar a mesma atividade, urinar. Por outro, o cãozinho actua como um adulto ao mostrar-se autónomo nas actividades de limpeza e asseio.

Klein (1928) afirma que a posição genital surge muito precocemente. Defende que as tendências edipianas são libertadas como consequência da frustração provocada pelo desmame (real ou simbólico), aparecendo no final do primeiro ano ou início do segundo. Estas tendências são reforçadas pelas frustrações anais e, posteriormente, pela percepção das diferenças anatómicas. A autora refere que os desejos suscitados por este Édipo precoce são imediatamente associados à ansiedade de castração e ao sentimento de culpa. No início, estes impulsos estão dirigidos tanto à mãe como ao pai, no que é considerada com uma fase de bissexualidade psíquica. Mais tarde, o rapaz vai dirigir estes impulsos à mãe, tornando-a seu objecto de amor. Contudo, quando as frustrações de fases anteriores incrementaram os sentimentos negativos em relação a esta, a passagem é mais difícil.

Tendo o Rui partilhado o quarto com os pais até os cinco anos, é muito provável que os fantasmas da cena primitiva tenham aparecido muito precocemente, activando os impulsos genitais antes de possuir a capacidade de elaboração dos mesmos. O fantasma da cena primitiva aparece no Rorschach:

Cartão V

“Esta não posso contar porque é muito escura e feia. Os dois ursinhos e os dois pais dormiram juntos. A cama dos pais e a cama dos filhos estavam tortas e depois fizeram um candeeiro à noite. (?) É um filho e uma filha, mas são os pais que fazem candeeiros à noite que depois rebentam”.

Nesta resposta, o Rui parece situar-se no eixo edipiano porque acede ao conteúdo latente do cartão, à cena primitiva. Parece haver um simbolismo transparente no *fazer candeeiros* (podendo-se associar a “dar à luz” e, portanto, a “fazer bebés” e ao acto sexual). O verbo *reventar* pode remeter para as pulsões agressiva e sexual (disse “reventar as águas” quando rompe o saco amniótico).

Como a maioria das crianças, o Rui terá interpretado o acto sexual como um intercâmbio de fluidos entre os progenitores, criando a fantasia de que o pénis do pai estaria contido no ventre da mãe. Pode que tenha interpretado a intimidade sexual dos pais como mais uma prova da maldade da mãe, que não só guardaria para si o alimento, mas também o amor do pai. Assim, mais um motivo para a intensificação dos sentimentos de ódio e inveja

em relação à figura materna, que terão dificultado a transformação desta no seu objecto de amor.

O fantasma da cena primitiva parece ser, ainda, muito perturbador para o Rui. Fica tão aflito perante a prancha V do Rorschach que tem a necessidade de procurar uma boneca para se confortar e de ir à casa de banho para expulsar do corpo as emoções que não consegue mentalizar.

Deste modo, estando já plenamente activos os instintos genitais, a ansiedade de castração parece ter jogado também um papel importante. A grande cólera e impulsividade que levou o pai a expulsar mãe e filho de casa, terá suscitado no Rui uma intensa angústia de castração, reforçada ainda pela falta de um verdadeiro laço afectivo entre pai e filho, a aterradora representação do masculino e do paterno que a mãe lhe terá transmitido, e as próprias vivências precoces junto deste. Com um ego frágil e imaturo, sem recursos para fazer frente a estas ansiedades, o Rui não terá tido outra alternativa senão recorrer aos mecanismos de defesa mais arcaicos para evitar a fragmentação. Deste modo, para além das angústias de desamparo e de castração, o Rui experimenta, ainda, angústias muito mais primitivas que ameaçam com a sua desintegração.

Em suma, a manutenção da clivagem, instabilidade dos objectos, indiferenciação, inveja, crueza do mundo fantasmático, equação simbólica, objecto transitivo, onnipotência, manobras de restituição do narcisismo infantil (fabulação e pequenos furtos), fenómeno do gémeo involuntário (Boavida, 1995), ou tipos de transferência, entre outros, situam o funcionamento mental do Rui próximo da pré-psicose. Os dois momentos mais importantes na integração do ego, segundo o modelo kleiniano, não terão sido alcançados de forma suficientemente sólida: a introjecção estável do bom objecto, no segundo semestre de vida; e o mecanismo de reparação, que normalmente se estende ao longo dos quatro anos seguintes. Do primeiro dependem todas as identificações e internalizações necessárias para o estabelecimento e consolidação da identidade. Do segundo deriva a integração do ego e sua adaptação à realidade (Segal, 1976 cit. por Golse, 2001). O mecanismo de reparação está também na base da sublimação e da actividade simbólica, que emerge com o deslocamento do alvo pulsional (por exemplo nos jogos de aparição-separação) facilitado pelo processo de luto (Golse, 2001).

Numa outra perspectiva teórica, o caso do Rui parece estar muito próximo da psicose simbiótica infantil descrita por Margaret Mahler (1952). Esta é caracterizada pela existência de uma relação simbiótica entre a mãe e o bebé que não alcança o estágio de cathexia libidinal do objecto materno. A representação mental da mãe permanece, ou, de modo regressivo, funde-se com o *self*, fazendo parte da ilusão de onnipotência do paciente infantil (Mahler, 1952). Segundo a autora, as primeiras manifestações da perturbação encontram-se entre o terceiro e quarto ano, ou então na altura do conflito edípico, como é o caso do Rui. A maturação, desenvolvimento psicosexual, e complexas demandas emocionais da situação edípica, confrontam a criança com a realidade da sua separação e independência da mãe, ameaçando a ilusão de onnipotência simbiótica e provocando uma reacção de pânico. As forças agressivas e libidinais não neutralizadas permanecem narcisicamente investidas numa fusão de sistemas da unidade mãe-pai-filho, ou mãe-bebé, segundo o caso. (Mahler, 1952).

Segundo a descrição de Mahler (1952), a intensa ansiedade de separação provocada pelos vários eventos traumáticos parece ter sido de tal forma esmagadora para o ego frágil do Rui, que o profundo pânico afectivo terá sido contra-balançado com acções de restauração da fusão narcísica e ilusão de unidade com a mãe. Segundo Mahler (1952), esta restituição é procurada na psicose simbiótica através de ilusões somáticas e alucinações de reunião com a imagem da mãe onnipotente, narcisicamente amada e odiada. Embora o Rui não apresente alucinações, o desejo de ser menina pode representar uma ilusão de fusão narcísica com a mãe, muito próxima de uma ilusão somática, como mostra o seguinte excerto:

Fragmento 37

R: Olha esta! Está gira! É um rapaz

P: É um rapaz? Porquê?

R: Porque tem mamas e pila

Tendo regredido ao estágio ilusivo do relacionamento simbiótico mãe-bebé, os limites do *self* e do *não-self* mantêm-se indistintos, estando a representação do *self* corporal também confundida. Mahler (1952) refere que nestes casos, os mecanismos descritos por Klein se apresentam com grande franqueza, o que de facto acontece no Rui.

O conflito bissexual, tradicionalmente considerado como a causa fundamental da esquizofrenia, é secundário em Mahler (1952). Contudo, a autora reconhece que em alguns

casos pode jogar um papel importante. No Rui parece que assim seja, estando os impulsos bissexuais ainda muito activos:

Fragmento 38

P: Precisas de ir à casa de banho?

R: Não eu já fui, tava lá um menino e fizemos sexo

Fragmento 39

R: (esfrega as bonecas) Tão a fazer sexo, são lésbicas....

6. Ponte com a literatura relativa à Perturbação da Identidade de Género

As conclusões retiradas neste estudo não são extrapoláveis a outros casos. De facto, os autores que estudaram casos aparentemente similares, isto é, de crianças do sexo masculino que cumprem os critérios para a Perturbação da Identidade de Género (GID) descritos no DSM-IV (1996), têm opiniões muito diferentes sobre o tipo de funcionamento mental que estas crianças apresentam.

Segundo Michel, Mormont e Legros (2001), existem dois tipos de teorias etiológicas relativas à GID: as teorias aconflituais e as teorias conflituais. As primeiras consideram a GID, tradicionalmente conhecida por transexualismo, como uma forma de identidade livre de conflito; enquanto que as segundas a entendem como uma formação de compromisso. Dentro deste último enquadramento teórico, o transexualismo é visto, ainda, de múltiplas formas: como uma defesa perante a própria homossexualidade, tal como a esquizofrenia paranoide (Socarides, 1969); como uma neurose, relacionada com as perversões (Volkan e Berent, 1976; Volkan, 1976; Meyer, 1975); ou como o resultado patológico da fase de separação-individação, isto é, mais próxima da organização *borderline* (Ovesey & Person, 1973; Person & Ovesey, 1974; Meyer, 1980).

Entre as teorias não conflituais, destaca-se a de Stoller (1975, cit. por Person & Ovesey, 1983). Inspirado nas ideias de Greenson (1968, cit. por Person & Ovesey, 1983), Stoller defendeu que para alcançar a masculinidade e heterossexualidade, o rapaz tem de se separar do corpo da mãe e da sua feminidade, passando por um processo de individuação. Postulou a

existência de uma fase de profeminidade universal que concebia como primeiro estágio de desenvolvimento para ambos os sexos. Deste modo, acreditava que o rapaz seria mais vulnerável a problemas na formação da identidade de gênero devido a sua identidade nuclear ou central de gênero não ser tão imutável como na rapariga, pois sempre arrastaria consigo o desejo de regressar ao estado original de união com a figura materna. Stoller (1975 cit. por Person & Ovesey, 1983) afirmava que muitos dos atributos masculinos, tal como a preocupação em ser forte, independente e frio, são resultado do perigo permanente do homem retroceder à simbiose original.

À diferença de Freud, insistiu em que a identidade de gênero nuclear emerge antes do Édipo, não sendo nem resultado deste complexo, nem das transformações pubertárias, mas sim da fase de separação-indivuação descrita por Margaret Mahler (Young-Bruehl, 1996). Elaborou a Teoria da Simbiose Bem-aventurada (tradução livre), que explica a GID no sexo masculino como sendo resultado do prolongamento excessivo da simbiose mãe-bebê inicial, uma união que considerou ser uma forma primitiva de identificação impingida no bebê através do mecanismo de imprinting. Considerava que quando esta simbiose é muito prolongada, a criança do sexo masculino pode formar uma identidade central feminina livre de conflito (Stoller, 1975 cit. por Person & Ovesey, 1983).

Para o autor o transexualismo manifestaria-se sempre antes do que qualquer neurose de gênero (por exemplo, as perversões). Se estas são sempre o resultado de um conflito e de uma defesa, de uma luta para preservar a própria identidade, o transexualismo é visto por Stoller como uma identidade *per se*, isto é, como a expressão do *self* verdadeiro do sujeito (Stoller, 1975, cit por Meyer, 1982). Embora falasse de um *continuum* de aberrações de gênero, Stoller vê uma diferença qualitativa e não de grau entre os transexuais e os não-transexuais.

Apesar do seu grande interesse, a teoria stolleriana apresenta muitos problemas. Em primeiro lugar, não há dados que suportem a existência de um estágio inicial de profeminidade. É impossível discernir se o pequeno lactante é um ser mais feminino ou mais masculino, pois não existem diferenças comportamentais observáveis entre os sexos antes do primeiro ano de vida (Meyer, 1982). Nos transsexuais adultos, nada parece indicar que tenha havido uma feminidade primária (Meyer, 1982). Por outro lado, Stoller não oferece nenhuma explicação para o desfasamento entre o imprinting e a idade de aparição dos sintomas, geralmente entre os dois e três anos de idade (Meyer, 1982).

No caso do Rui, apesar de ter-se verificado, de facto, uma simbose prolongada entre mãe e filho, nada parece indicar a existência de uma identidade feminina primária nele, pois os comportamentos tipicamente femininos apareceram relativamente tarde, aos cinco anos de idade. Além disso, a qualidade beatífica desta simbose é duvidosa.

Colette Chiland (2000) acompanhou um caso de GID na infância em que a mãe admitiu, tal como Stoller dizia, ter vivenciado uma larga fase de simbose bem-aventurada com o filho. Contudo, a criança reportou duas experiências bem diferentes: por um lado referia, de facto, uma experiência de felicidade beatífica junto da mãe; por outro, manifestava uma destrutividade perigosa em relação a esta.

Em relação ao imprinting, para além de nunca ter sido demonstrado que exista em humanos, este conceito etológico só explica a escolha objectal, não a identidade (Meyer, 1982). Ainda, Stoller não explica o que é que a mãe impingiria no bebé, isto é, em que consiste exactamente a feminidade materna que é colocada no inconsciente do filho. O facto de a mãe pertencer ao sexo feminino não significa que esta possua só características femininas. Stoller parece confundir as noções de sexo e género, apesar de outrora ter sido ele proprio a ressaltar a distinção entre ambas (Meyer, 1982).

A mãe do Rui, por exemplo, tem um aspecto muito mais masculino do que feminino, e não é só pela forma de vestir, mas também a sua atitude e o próprio físico fazem lembrar um homem. Isto pode ser explicado pela aparente presença de um complexo de masculinidade e inveja do pénis nela, que terão debilitado suas identificações femininas em favor das masculinas.

Contudo, a crítica mais importante à teorização de Stoller refere-se à ideia do transexualismo estar livre de conflito, pois não explica a freqüente flutuação no desejo de mudar de sexo de muitos transsexuais.

No sujeito sob estudo, tanto a avaliação como as sessões de acompanhamento mostraram a presença de intenso conflito intra-psíquico, expresso de forma muito evidente pelo uso de mecanismos de defesa primitivos, intensa angústia, inveja e destrutividade em relação à figura materna, e fantasia de fusão narcísica com esta.

Chiland (2000) refere que a clivagem da imago materna observada no seu paciente com GID só pode ser explicada pela existência de um conflito. Tal como o Rui, a criança que esta autora acompanhou parecia desenhar imagens femininas idealizadas para proteger-se de

outras figuras femininas perigosas, que desenhava com roupas pretas e saltos de agulha que pareciam estiletes (Chiland 2000).

No fundo, o grande mérito de Stoller é ter destacado a aparição precoce da identidade de género; ter situado a formação da mesma numa complexa unidade (formada pela atribuição do sexo à nascença e as infinitas interações e mensagens enviadas pelos pais ao corpo e psique da criança); e ter refutado o determinismo hormonal, ressaltando os aspectos psíquicos e relacionais (Laplanche, 2003).

Contudo, a maior parte dos psicanalistas e psicólogos de orientação dinâmica encontraram um conflito na base e origem da GID (Golosow & Weitzman, 1969; Ovesey & Person, 1973; Person & Ovesey, 1974, cit. por Meyer, 1982).

No polo oposto à teorização de Stoller estão as ideias de Siomopoulos (1974), ao afirmar que a convicção do paciente com GID de pertencer ao sexo oposto, a partir da puberdade (antes é só um desejo), é um delírio único e sistematizado semelhante ao da paranóia. Na paranóia clássica o paciente torna-se psicótico no processo de negação da sua homossexualidade, que ameaça sua pertença a uma categoria social (masculina ou feminina). No paciente com GID, em lugar desta negação, opera-se uma inversão de categoria através de um pensamento paralógico ou paleológico (Von Domarus, 1944; Arieti, 1955, cit. por Siomopoulos 1974). Isto é, em lugar de basear a própria identidade em substantivos ou totalidades, o transsexual baseia-a em predicados ou partes idênticas. Este mesmo tipo de pensamento é frequentemente encontrado em pacientes esquizofrénicos. Um exemplo clássico seria (Arieti, 1955, cit. por Siomopoulos 1974):

Sou virgem

A Virgem Maria era virgem

Sou a Virgem Maria

Assim, segundo esta teoria, o paciente transsexual pensaria do seguinte modo:

Gosto de homens

As mulheres gostam de homens

Sou uma mulher

Ainda que não se trate de uma psicose, a intenção do transsexual é vista como estando estruturada de acordo com as duas fases características da psicose: retirada da realidade (neste caso do sexo biológico) e criação de uma nova realidade (corpo e género feminino no caso do transsexual do sexo masculino) (Freud, 1924, cit. por Oppenheimer, 1991). O acto substitui o delírio compensatório do psicótico (Freud, 1911, cit. por Oppenheimer, 1991). A neo-realidade é um *écran* que esconde, que permite que as defesas sejam projectadas, e que expressa a essência da desordem (Oppenheimer, 1991). A negação da homossexualidade é acompanhada pela clivagem do objecto entre os dois pais. Estes são diferenciados pela sua bondade e maldade, e não pelo sexo ou género, tendo por base a triângulo, uma manifestação da psicose branca (Donnet & Green, 1973, cit. por Oppenheimer, 1991). O pensamento mágico, acompanhado pela clivagem do ego, expressa uma discrepância entre conhecimento e crença, entre sexo anatómico e género psicológico (Oppenheimer, 1991).

O presente trabalho mostrou que o Rui tem, de facto, um modo de funcionamento mental muito próximo da psicose, operando, para além da clivagem de objecto, uma clivagem entre as figuras materna e paterna, isto é, entre o masculino e o feminino (que seriam o mau e o bom objecto, respectivamente). No jogo foram observados elementos que revelam a persistência nele de bissexualidade psíquica, como, por exemplo, pequenas dramatizações de actividade sexual entre bonecos do mesmo sexo (excertos 38 e 39). Contudo, nada parece indicar que a regressão do Rui, e mecanismos mentais associados, tenham por função o evitamento de uma tendência homossexual. Pelo contrário, a motivação principal não parece ser, de todo, sexual.

Outro conjunto de autores afirma que a GID partilha características com as perversões (Chasseguet-Smirgel, 1984, cit. por Oppenheimer, 1991). Argumentam que o corpo feminino fantasiado pelos pacientes do sexo masculino devém do sacrifício de uma parte pelo todo, constituindo a projecção de um duplo idealizado cuja função é a de manter uma ilusão. Segundo eles, igual que nas perversões, as mães dos transsexuais fizeram acreditar aos filhos que eram os parceiros ideais, de modo que eses não precisaram de invejar ou ter ciúmes do pai. Estes autores defendem que em ambas as perturbações o ego mantém-se intacto e ligado ao modelo pré-genital (Oppenheimer, 1991).

Estas mesmas características foram confirmadas no sujeito sob estudo. Contudo, o Rui

está ainda muito longe de alcançar a estruturação neurótica subjacente a qualquer perversão. Apesar de manter contacto com a realidade, o seu ego está já muito fragilizado. Há muitos elementos que sinalizam que o perigo de fragmentação é real e até iminente.

Ovesey e Lionel (1973) situam a origem da GID no conflito provocado pela ansiedade de separação extrema que ocorreria numa fase muito precoce do desenvolvimento, anterior à diferenciação do objecto. O bebé desenvolveria uma fantasia de fusão com a mãe para aliviar esta ansiedade, mantendo afastadas as ameaças a esta ilusão através das actividades e comportamentos típicos da GID, como, por exemplo, vestindo-se com roupas da mãe (Ovesey e Lionel 1973). Estes autores descobriram que as memórias associadas à primeira experiência de vestir as roupas da mãe são quase invariavelmente as mesmas: “*Senti-me muito quente, confortável...tinha companhia, senti-me amado*”. Isto contrasta com as memórias dos travestis, frequentemente associadas à excitação sexual. Os transsexuais não estão muito interessados na sexualidade devido à aversão que sentem em relação ao próprio pénis. A genitália masculina retira credibilidade à identidade desejada, desvendando a fantasia de fusão à mãe. A aversão ao penis é um fenómeno progressivo, pelo que pode não ser observada até ao final da infância, adolescência ou vida adulta (Ovesey e Lionel 1973). No Rui de facto não foi constatado.

Resumindo, para Ovesey e Lionel (1973), a GID está motivada por uma procura de segurança, e não de satisfação sexual. A ameaça mais importante não emana da retaliação edipiana, sendo, antes, a sobrevivência ao abandono precoce materno.

Estas ideias vão ao encontro do observado no Rui, em que a ameaça de perda e separação provocada pelos acontecimentos vividos aos cinco anos de idade terão tornado insuportável a angústia de separação pré-existente, desencadeando a regressão a pontos de fixação anteriores e a criação da fantasia de fusão com a figura materna. Contudo, a problemática principal do Rui não se limita à procura de segurança, sendo muito mais grave e estrutural, isto é, de tipo identitário.

Meyer (1982) elaborou uma teoria etiológica da GID ou transexualismo que integra todas as teorias conflituais psicanalíticas até a data e ilumina como nenhuma o caso sob estudo. O autor concebe a GID como parte de um *continuum* de patologia do ego, com as perversões num extremo e a psicose noutra, situando-a num ponto intermédio ao considerar que partilha características com a patologia borderline (introjecções primitivas; relações de

objecto precárias; self *como se*; intolerância à frustração e ao afecto no geral; clivagem do ego; e negação maciça) (Meyer, 1982). Remonta a origem da perturbação aos primeiros anos de vida, nomeadamente a interacções mãe-bebé que interferem com a integração dos atributos corporais no ego, perturbando a construção da imagem corporal, e a distinção eu-outro. Meyer (1982), tal como Mahler, acredita que estas falhas primárias podem ser agravadas pelo conflito edipiano. Na criança do sexo masculino, o impulso de tomar a mãe como objecto sexual pode colidir com a depreciação que esta faz do masculino, e sua aversão aos genitais do filho. A inveja do pénis na mãe, e seu desejo de negar os genitais do filho, tornam-se numa segunda fonte de ansiedade de castração. Deste modo, a dupla ameaça impossibilitaria a retenção do pénis, pois o investimento de algo que não é possível ter provoca demasiado sofrimento. Nestas circunstâncias, tem menos custos emocionais para a criança desistir da mãe como objecto de amor e identificar-se com ela.

No entanto, o autor refere que o perigo real na GID é o de desintegração. Sem constância objectal, nem suficiente integração da personalidade, estas crianças não conseguem afirmar a própria genitalidade, ficando aquém da estruturação que o Édipo permite. Por contraste, a intensificação dos impulsos libidinais e agressivos leva-os a acentuarem as defesas primitivas. O medo de aniquilação suscitado pelas pressões edipianas resulta numa aversão ao masculino e numa reforçada identificação com a mãe (Meyer, 1982).

Este parece ter sido o caso do Rui, que chega aos cinco anos de idade num estado muito frágil e vulnerável devido às graves falhas vivenciadas no seio da relação primária. Nesta altura, a ansiedade de separação intensificada pelo risco de perder a mãe, física e emocionalmente, junto da intolerável ansiedade de castração suscitada por ambos os progenitores (pois sabemos da profunda desvalorização do masculino por parte da mãe), levam-no ao abandono dos impulsos genitais, e a uma regressão a uma fase mais precoce do desenvolvimento, onde a indiferenciação sujeito-objecto lhe permite criar a ilusão de fusão com a figura materna idealizada. As fontes de ansiedade parecem ter sido, de facto, como Meyer sugere (1982), tanto a figura paterna como a materna. A angústia suscitada pelo pai parece ter sido particularmente intensa. Como já foi referido, talvez o Rui interpretasse, inconscientemente, a expulsão da casa paterna como a retaliação do pai às fantasias genitais dirigidas à mãe e às fantasias agressivas dirigidas a ele. Se bem que a rivalidade entre ambos pode não ter sido muito forte, pelo facto de a mãe assegurar uma relação de exclusividade

com o filho, este pode ter-se sentido culpado e castigado precisamente por este motivo, receando ser punido com a mutilação genital. A representação negativa do masculino e do paterno, transmitida pela mãe, mas também gerada pela própria demissão do pai, sua distância emocional, alcoolismo, impulsividade e agressividade psicológica, terá, sem lugar a dúvidas, acentuado a ansiedade de castração por parte da figura paterna.

Como já foi referido, o uso dos filhos como substitutos fálicos faz pensar na presença de um complexo de masculinidade e inveja do pénis na mãe. Se a isto for acrescentado o temor e desvalorização que esta faz da figura paterna, entende-se como uma identificação masculina seria muito arriscada para o Rui. Chiland (2000) acredita que as crianças com GID interpretam as mensagens parentais, conscientes e inconscientes, de não serem amadas pelo que são, especialmente em relação ao género ao qual pertencem, e, portanto, não podem amar-se a si próprias se não pertencerem ao sexo oposto.

Por outro lado, o papel jogado pela ansiedade de separação na dinâmica intra-psíquica do Rui evidenciou-se, sobretudo, nas dificuldades do Rui em separar-se da terapeuta no final de cada sessão; na grande reactividade às desmarcações e faltas (devidas à ocorrência de imprevistos na instituição de acolhimento); na sua necessidade de um objecto transitivo como forma de aliviar a tomada de consciência da separação eu-objecto; no uso do mecanismo psíquico de animação dos objectos não humanos como tentativa de recuperar a relação de amor primário (Mahler, 1960); ou no desejo de união de alguns membros da família, incluindo a mãe, expresso, por exemplo, no Desenho da Família.

Contudo, as falhas primárias do Rui, amplamente descritas, ameaçam de facto com um perigo maior, o da fragmentação ou aniquilamento do ego. Estas ansiedades podem ser inferidas, mais uma vez, pela emergência do processo primário; o reforço dos mecanismos de defesa arcaicos (clivagem, identificação projectiva, negação, idealização, e onnipotência); e o uso massivo das defesas narcísicas, que sinalizam a fragilidade do envelope psíquico.

Conclusão

O presente trabalho abordou um caso de Perturbação da Identidade de Género na infância, usando a metodologia de estudo de caso intrínseco proposta por Robert Stake (1995), que propõe partir dos dados sem ideias preconcebidas, deixando que seja o próprio

caso a revelar a sua singularidade e complexidade. A aplicação da técnica de agregação categórica às transcrições das sessões de observação do jogo e do acompanhamento, e o uso de outras fontes de informação para efeitos de triangulação, permitiram uma compreensão mais aprofundada do caso funcionamento do sujeito. Os resultados mostraram que a problemática deste situa-se ao nível da identidade, tendo, portanto, uma estrutura pré-psicótica. Apesar de haver sintomatologia franca na expressão do género, a falha não estaria circunscrita à identificação secundária, sendo muito mais arcaica e primária. Os traumas cumulativos e o predomínio das experiências de frustração na relação precoce dificultaram a introjecção estável do bom objecto interno, debilitando todas as internalizações subsequentes e a elaboração da posição depressiva. A ansiedade suscitada pelos sucessivos eventos traumáticos, nomeadamente na altura do Édipo, terão ocasionado a regressão a pontos de fixação na posição esquizoparanóide. Neste contexto, o desejo de ser menina é entendido como tendo vários níveis de significado: a ilusão de fusão narcísica com a mãe, muito próxima de uma ilusão somática; e uma defesa perante o medo de aniquilação suscitado pela dupla ameaça de castração, paterna e materna.

A importância deste estudo reside na inovadora e original metodologia empregada, a qual possibilitou a identificação de uma série de elementos chave que permitiram uma compreensão mais aprofundada do objecto de estudo, nomeadamente, o seu modo de funcionamento mental, a sequencialidade dos acontecimentos e o significado do sintoma atribuído pelo sujeito.

As limitações deste trabalho radicam na pouca experiência da investigadora; no recurso a uma única informante, a mãe, para a obtenção da informação relativa à história de vida; e nas dificuldades de integração dos vários tipos de dados, inscritos em lógicas diferentes.

Sendo os resultados bastante distintos aos encontrados na literatura, seria interessante que outros casos similares, de crianças que apresentem os critérios da Perturbação da Identidade de Género descritos no DSM-IV (1996), fossem estudados usando esta mesma metodologia, de modo a verificar se a problemática e dinâmica intra-psíquica do Rui é característica desta patologia, ou este caso é uma excepção à regra.

Referências

- Bergeret, J. (1998). *Psicopatologia Patológica. Teoria e Clínica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bion, W. R. (1962): The Psycho-Analytic Study of Thinking. *International Journal of Psychoanalysis*, 43, 306-211.
- Boavida, M. C. (1995): *Schreber aos conceitos alfa e beta: contribuições da psicanálise para a compreensão da psicose*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica. Lisboa: ISPA Instituto Universitário.
- Boekholt, M. (2000): *Provas temáticas na clínica infantil*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chabert, C. (1998): *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chiland, C. (2000): The psychoanalyst and the transsexual patient. *The International Journal of Psychoanalysis*, 81 (1), 21-35.
- Coates, S. (1990): Ontogenesis of Boyhood Gender Identity Disorder. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 18 (3), 414-439.
- Coates, S. (1991): The Etiology of Boyhood Gender Identity Disorder. A Model for Integrating Temperament, Development and Psychodynamics. *Psychoanalytic Dialogues*, 1 (4), 481-524.
- DSM-IV (1996): *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi Editores
- Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (1983): *Relações de objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Greenson, R. R. (1968): Dis-identifying from mother: its special importance for the boy. *The International Journal of Psychoanalysis*, 49 (2-3), 370-374.
- Kernberg, P. F. (1991). Childhood psychosis: A psychoanalytic perspective. In S. I. Greenspan, & G. H. Pollock (Eds.). *The course of life, Vol. 3: Middle and late childhood* (pp. 115-134). Madison, CT US: International Universities Press, Inc.

- Klahr, M. (2005): Melanie Klein (1882-1960) In B. Golse (Coord.) *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança* (1ª ed.) (pp. 77-90). Lisboa: Climpesi Editores.
- Klein (1928): Early stages of the Oedipus Conflict. *International Journal of Psycho-Analysis*, 9, 167-181.
- Klein, M. (1930): The Importance of Symbol Formation in the Development of Ego. *International Journal of Pyscho-Analysis*, 11, 24-40.
- Klein, M. (1946): Notes on Some Squizoid Mechanisms. *International Journal of Psycho-Analysis*, 27, 99-111.
- Klein, M. (1958): On the Development of Mental Functioning. *International journal of Psycho-Analysis*, 39, 84-91.
- Klein, M. (1957). *Envy and gratitude; a study of unconscious sources*. Oxford England: Basic Books.
- Klein, M. (1993). On identification. In G. H. Pollock (Ed.) *Pivotal papers on identification* (pp. 197-236). Madison, CT US: International Universities Press, Inc.
- Klein, M. (1986): *Psychoanalyses of Children*. London: Hogarth Press.
- Lacan (1998): De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, *Escritos*. (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lothstein, L. (1988): Selfobject Failure and Gender Identity. *Progress in Self Psychology*, 3, 213-235.
- Mahler, M. (1952): Sobre a psicose infantil e esquizofrenia: psicose autística e simbiótica da infância. In M. Mahler (Ed.) *As Psicoses Infantis e Outros Estudos* (3ª ed.) (pp. 23-61). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mahler (1960): Desdiferenciação perceptual e relações psicóticas de objecto. In M. Mahler (Ed.) *As Psicoses Infantis e Outros Estudos* (3ª ed.) (pp. 62-69). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marcelli, D. (2005): *Infância e Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Meyer, J. K. (1982): The Theory of Gender Identity Disorders. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 30, 381-418.
- Müller, T. (2004). On Psychotic Transference and Countertransference. *Psychoanalytic Quarterly*, 73 (2), 415-452.
- Oppenheimer, A. (1991): The wish for a Sex Change: a challenge to Psychoanalysis? *International Journal of Psycho-Analysis*, 72, 221-232.
- Ovesey, L. & Person, E. (1973): Gender Identity and Sexual Psychopathology in Men: A Psychodynamic Analysis of Homosexuality, Transsexualism, and Transvestism. *Journal of American Academy of Psychoanalysis*, 1 (1), 53-73.
- Safra, G. (1984): Procedimentos clínicos usados no Psicodiagnóstico. In W. Trinca (Org). *Diagnóstico Psicológico. A Prática Clínica* (pp. 67-81). São Paulo: EPU.
- Segal, H. (1957): Notes on Symbol Formation. *International Journal of Psycho-Analysis*, 38, 391-398.
- Siomopoulos, V. (1974): Transsexualism: Disorder of Gender Identity, Thought Disorder or Both? *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 2 (3), 221- 234.
- Stake, R. (1995): *The Art of Case Study Research*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Winnicott, D. W. (1953). Transitional Objects and Transitional Phenomena - A Study of the First Not-Me Possession. *International Journal Of Psycho-Analysis*, 34, 89-97.
- Winnicott, D. W. (1956). The antisocial tendency. In D. Winnicott (Ed.) *Through Pediatrics to Psycho-Analysis* (1975). London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Acedido em 5 de Outubro de 2012 em EBSCO.
- Yin, R. (1994). *Case Study Research: Design and Methods*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications

Anexo 1: WISC-III

WISC-III™

Escala de Inteligência de Wechsler
para Crianças - Terceira Edição

Nome: _____

Sexo: masculino

Escola: E-B1 Laranjeiro

Ano de Escolaridade: 1º

Local da Avaliação: Pedopsiquiatria HGO

Examinador: _____

	ANO	MÊS	DIA
Data de avaliação	2011	12	09
Data de nascimento	2004	08	23
IDADE	07	04	

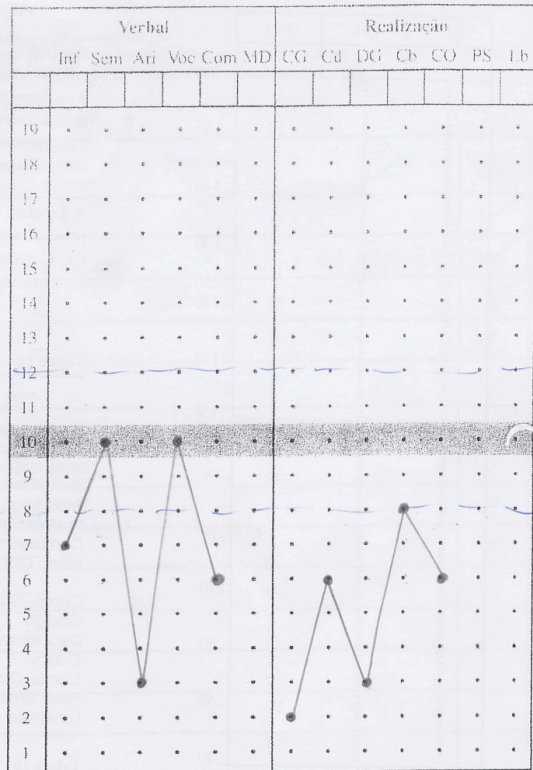
Subtestes	Resultados brutos	Resultados Padronizados				
		Verb.	Real.	CV	OP	VP
Completamento de Gravuras	4	2				
Informação	5	7				
Código	27	6				
Semelhanças	5	10				
Disposição de Gravuras	2	3				
Aritmética	3	3				
Cubos	15	8				
Vocabulário	12	10				
Composição de Objectos	9	6				
Compreensão	3	6				
(Pesquisa de Símbolos)	—	(—)				—
(Memória de Dígitos)	—	(—)				
(Labirintos)	—	(—)				
Soma dos Resultados Padronizados		36	25			

tabela pag. 261

Somatório da Escala Completa
61 36-25=11

	Resultado	QI Índice	Percentil	90% Intervalo de confiança
Verbal	36	80	9	75-88
Realização	25	66	1	63-78
Escala Completa	61	67	1	63-78
CV	—			
OP	—			
VP	—			

WISC-III Perfil de Resultados Padronizados

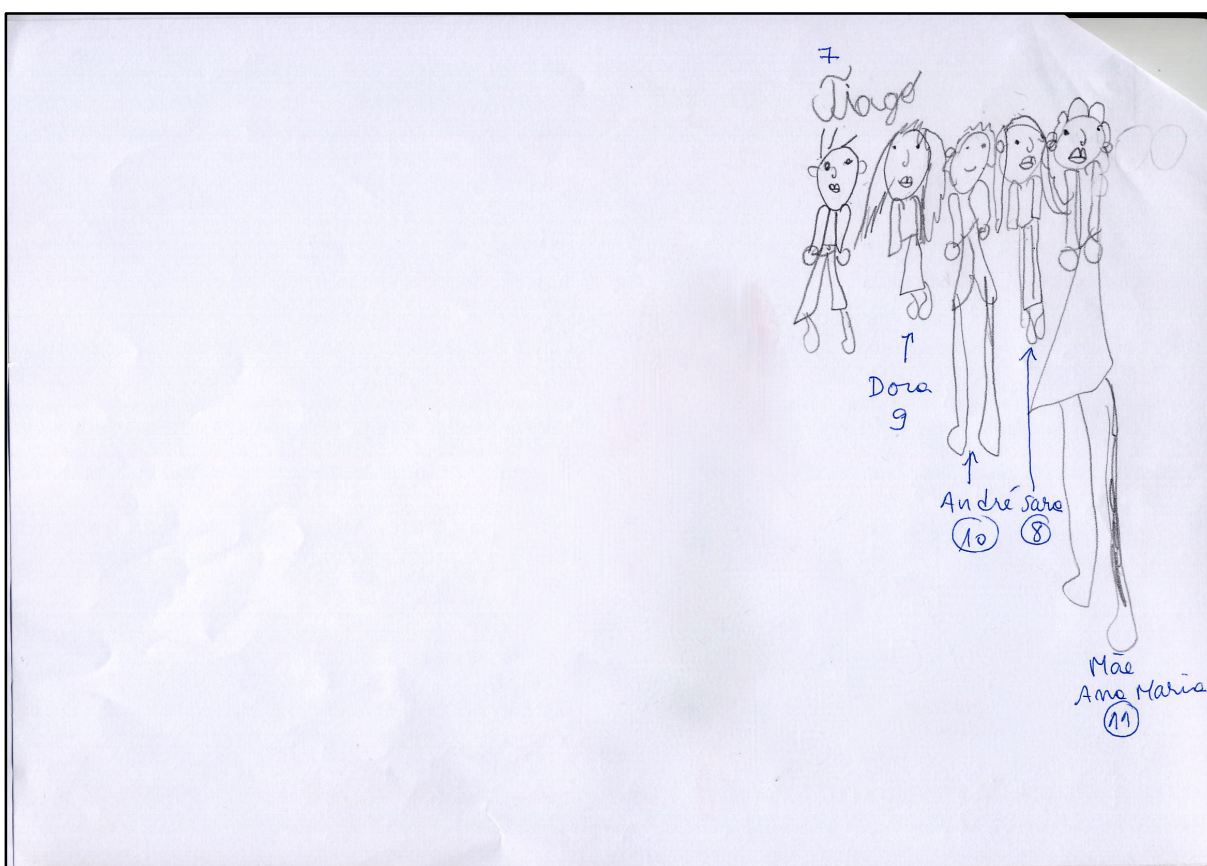


WISC-III Perfil de Índices Factoriais (opcional)

	ICV				IOP				IVP	
	Inf	Sem	Voc	Com	CG	DG	Cb	CO	Cd	PS
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1

Anexo 2: Teste do Desenho da Família de Louis Corman- LARPSI

DESENHO DA FAMILIA



De direita à esquerda aparecem: o Rui, a irmã mais velha (por parte da mãe), o sobrinho, outra irmã (por parte do pai), e, por último, a mãe.

As respostas às perguntas de Cormam foram as seguintes:

Quem é o mais simpático? *Sou eu porque minha mãe gosta de mim.*

Quem é o mais triste? *O André porque ele porta-se mal, porque fuma e é como o meu pai, que também se porta mal.*

Quem é o mais alegre? *Muito mais alegre para dar as coisas.*

Quem é o menos simpático?: *A tia.*

Quem é que ralha? *A minha tia, zanga-se com o namorado dela mas ele é muito simpático para mim.*

Quem é que ficava? (passeio de carro) *Eu é que ficava porque gostava de brincar com bonecas.*

Quando questionado em relação à possível ausência de alguém da família diz: *“Não quero fazer o meu pai porque ele fuma.”*

A exclusão consciente do pai da conta da zanga, rejeição e/ou medo e desvalorização da figura paterna.

O primeiro que me chama a atenção é a localização e compressão do desenho. Situa todas as figuras no canto direito superior da folha, muito juntas e compactadas. Talvez o Rui sinta necessidade desta excessiva proximidade para compensar a distancia física e emocional que, na verdade, existe entre todos eles. Destacam, pelo tamanho, a figura da mãe e a do meio-irmão, ambos com pernas muito compridas e desproporcionadas em relação ao corpo. Não há diferença de gerações, os tamanhos das figuras não representam as diferentes idades, que o Rui atribui arbitrariamente. Existem, no entanto, diferenças de género. As figuras femininas usam saia, têm o cabelo comprido e os seus lábios são mais grossos, enquanto que as figuras masculinas vestem calças e têm o cabelo curto. Curiosamente o Rui desenha-se a si próprio com características de ambos os sexos: usa calças e o cabelo está curto, mas os lábios são grossos e a camisola deixa o umbigo à mostra, revelando os seus interesses e comportamentos tipicamente femininos.

Anexo 3: Teste de Rorschach

RORSCHACH

Nome: Rui

Idade: 7 anos

Escolaridade: 1º (2ª vez)

PRANCHA	INQUÉRITO	COT.
<p>I</p> <p>1. Parece uma boneca com asas e mãos, ou então com cabeça, pernas e mamas</p>	<p>Boneca com mamas e asas, sem cabeça, porque eu puxei pela cabeça</p> <p>Λ</p> <p>umas botas, uma chave, não coube! (assinala folha de respostas), uma chave com um boneco assim com asas, chave, asas e boneco com duas cabeças e mãos</p> <p>Têm sempre sombras não têm?</p>	<p>G F- Obj.</p>

<p>II</p> <p>2. Parece uma borboleta aqui em baixo 3. um vestido 4. as mãos assim (mostra) e já está</p> <p>Λ</p> <p>5. Agora um vestido 6. um casaco 7. e uns <i>leggings</i> Falta um nestas (mostra)</p>	<p>(D vermelho inferior) (D vermelho inferior) G?</p> <p>Vestido, camisola ou casaco (D preto) (D vermelho sup)</p>	<p>2. D F+ A 3. D F- Vest. 4. Gbl Kp Hd</p> <p>5. D F- Vest. 6. D F- Vest. 7. D F- Vest.</p>
<p>III</p> <p>8. Parece um menino, 9. Sangue 10. e borboleta 11. Uma menina e um menino e sangue, tão a perder o sangue</p>	<p>A menina e o menino tão a fazer ginástica, aqui uma borboleta e aqui umas fitas</p>	<p>8. D F+ H 9. D C Sangue 10. D F+ A Ban 11. G K H Ban</p>

<p>IV</p> <p>Ai! Não sei...esta é difícil....</p> <p>12. Ah! Parece um gigante, asas de gigante, com asas mãos e o rabo</p> <p>13. a Bela e o Monstro cabeça</p> <p>Λ</p> <p>14. Parece um vestido</p> <p>15. os pés...</p> <p>16. é um polvo que tem quatro pernas e a cabeça de polvo e o rabo, não, ele não tem rabo mas faz de conta que tem rabo</p> <p>Isto está estragado? (mostra cadeira)</p>		<p>Choque</p> <p>12. G FClob (H)</p> <p>13. G FClob (H)</p> <p>?</p> <p>14. G F- Vest.</p> <p>15. D F+ Hd</p> <p>16. G F- A</p>
<p>V</p> <p>Só mais uma!</p> <p>17. Borboleta, pernas e cabeça</p> <p>Λ</p> <p>18. Águia, cabeça, duas cabeças e duas pernas</p>	<p>Duas cabeças, dois problemas, “eu já vi uma águia que tinha duas cabeças e tinha problemas, num filme”.</p> <p>Esta cadeira faz barulho. Posso ir buscar uma boneca? (vai)</p> <p>Olha outro! (encontra dinossauro)</p>	<p>17. G. F+ A Ban</p> <p>18. G F+ A</p>

<p>VI</p> <p>Mais três!...Agora és tu! (pendura boneca no cartão pelas pernas, fica em sentido invertido) Yes! Consegui! (mexe no cartão e cai ao chão, apanha-o, vai para o fundo da sala, abre a porta do armário, volta) Só faltam quatro? Um dois três quatro cinco (conta os quadrados da folha do RCH) Faltam cinco! (Canta enquanto mexe nas pernas da boneca) “Tá a fazer ginástica” (mostro cartão novamente) Eu não sei o que é isso! (vira)</p> <p>19. Peito do monstro e o rabo (D central e D sup)</p> <p>20. com fogo (Dsup)</p> <p>Posso levar a boneca? (tenta abrir a pasta dos cartões) Quantos faltam?</p>	<p>O peito do monstro e o rabo com fogo. Posso virar? Agora parece uma cara (Dsup) e uns pés altos. É um monstro com pés altos e fogo à volta (D central). É só a cara e fogo, não tem pés, enganei-me. Esta boneca tem mamas? Tem aqui o burquinho...(decote) Olha os calções dela e a roupa, posso brincar? (vai pelos dinossauros e chocalha-os cantando)</p>	<p>Agitação motora</p> <p>Tendência à recusa</p> <p>19. G FClob (H)</p> <p>20. D Kob Elem</p>
<p>VII</p> <p>21. Umas meninas com vestido</p> <p>22. e depois umas mãos</p>	<p>As ideias (olha para a folha de registo e suletra) I-dei-as, faço ideias, Vestido (D2 e D3) e os pés, o outro está assim, encolhidas, o outro está atrás do vestido, da saia (?) o pé Dra..Já não sei o nome... (Digo “Dra Sílvia”) A Dra. Sílvia não vem? (referia-se à Dra. Paula)</p>	<p>21. G F+ H/Vest.</p> <p>22. D F -Hd</p>

<p>VIII</p> <p>23. Eh! Yes! Parece um leão e outro leão 24 e aqui o mundo todo</p> <p>Λ</p> <p>25. Vestido, casaco, calções, botas compridas e mangas</p>	<p>A ideia (ouve-se alguém a caminhar no corredor) É ela?</p>	<p>23. D F+ A Ban 24. D F+/- 25. G F- Vest.</p>
<p>IX</p> <p>Não sei!</p> <p>Λ</p> <p>26. Ah! Já sei, casaco calças e umas coisas que se põem aqui para proteger as leggings (caneleiras) (Levanta-se e vai) Encontrei uma bola, uma saia (chuta a bola) Yes! Esta bola faz me doer as mãos...(arruma-a)</p>		<p>26. G F- Vest.</p>
<p>X</p> <p>27. Ah aranhas 28. meninas 29. pinturas 30. pés delas 31. sutiã 32. pau</p>	<p>(azul lateral) (rosas) (castanho, laranja e amarelo lat) (verde inferior) (azul central) (cinzento)</p>	<p>27. D F+ A Ban 28. D F- H 29. D CF Desenho 30. D F- Hd 31. D F+ Vest. 32. D F+ Obj.</p>

Escolhas positivas

- III porque tem corações-suteã
- V porque tem uma borboleta linda

Escolhas negativas

- VI
- I
- VIII menos mais, não gosto, gostei muito dessa só que agora não gosto dela
- X não gostei muito, porque não gosto agora

Outras escolhas

- Cartão da mãe: CI
- Cartão do pai: CIX
- Cartão da alegria: CII
- Cartão da tristeza: CVI
- Cartão do medo: CIV

PSICOGRAMA

R = 32	F= 24; 75%	K= 1	H= 4	H%: 25%
G= 13; 41%	F+= 11; 34%	Kan 0	A= 7	H%alarg* 31,25%
D= 19; 59%	F- = 12; 37%	Kob=1	(H)=3	A%= 22%
(Gbl= 1; 3%)	F+/-= 1; 3%	Kp=1		Ban: 5; 16%
		C= 1	Hd: 4	
		FC=1	Ad= 0	
		FClob 3	Vest. 9	
			Obj.: 2	
			Elem: 1	
			Sangue: 1	
			Natura: 1	
			Desenho: 1	

Tipo de Apreensão: G-D

TRI: 1K; 1C

F% alargado: 91%

F. C.: 1 kob; 0 Esb.

F+%: 48%

R. C.: 31%

F+% alargado: 57%

I. A.: 16%

Socialização em superfície: A% (22%) e Ban (5)

Socialização profunda: D (59%); F+ (34%) + K (1) + H (4)

*inclui os (H) ou os (A), segundo corresponda.

ANALISE CARTÃO A CARTÃO

CARTÃO I

Projecta-se numa imagem composta, uma boneca que é meio humana meio animal, ou então numa figura mitológica pois tem asas. As asas em princípio permitiriam voar a esta boneca mas ela é um objecto, portanto, está desprovida de vida. Para além das asas fala em atributos humanos como as mãos, a cabeça, as pernas e as mamas, todas elas saliências que podem estar a remeter para o conflito edipiano. Há simbologia sexual tanto masculina (“mãos”, “pernas”) como feminina (“mamas”) No inquérito dos limites surge uma agressividade bastante cru, quando diz que a boneca não tem cabeça porque ele puxou por ela. Atenta, na sua fantasia, à integridade física do objecto. Esta agressividade pode ser tanto hetero-agressividade como auto-agressividade. Perde os limites entre a fantasia e a realidade, havendo uma emergência do processo primário.

Vira o cartão e continua a dar respostas objecto, duras (“chave”, “botas”) Agora vê uma chave com um boneco que tem duas cabeças, isto é, dá a mesma resposta mudando o sexo do boneco e o número de cabeças. Parece que o facto de virar o cartão ao contrário implica que a resposta se transforme na sua oposta: antes era uma boneca, agora é um boneco; antes não tinha cabeça, agora tem duas. O facto de este segundo boneco ser uma chave reforça ainda mais sua qualidade de coisa (coisificação).

A literatura refere que nos Rorschachs de pessoas com GID é comum aparecerem respostas em que o mesmo percepto se transforma de um género no seu oposto (Coates, 1990)

O comentário final do inquérito mostra sensibilidade à cor e ao esbatimento, reflectindo um sentimento disfórico.

Este cartão foi escolhido como o cartão da mãe. Nas consultas de acompanhamento o Rui brinca muito com bonecas e tem dificuldade em separar-se delas, colocando-se a hipótese de ele usar estas como objecto transitivo da mãe.

CARTÃO II

Não é sensível ao carácter bilateral do cartão. Suas primeiras respostas são no vermelho inferior (“borboleta” e “vestido”), que remete para temáticas sexuais e agressivas. Depois tenta uma apreensão global que falha (“mãos”). As respostas “vestido”, “casaco”, e “leggings” são todas respostas tipo pele, funcionando provavelmente como defesas narcísicas perante a relação.

Tal como descrito na literatura, aparecem respostas de roupas e acessórios de forma isolada, sem fazerem parte de uma resposta humana (Coates, 1990)

Associa este cartão à alegria, talvez pelo desejo de um verdadeiro encontro com o Outro. A resposta das mãos em sinal de “ok” que ele próprio exemplifica com um gesto, pode ter induzido esta alegria, podendo não ser mais do que uma defesa hipomaniaca.

CARTÃO III

Num primeiro momento aborda a prancha de forma parcial (“um menino”), quando habitualmente se aborda de forma global. Anula o Outro e projecta uma imagem humana com identidade sexual coincidente com a própria. A seguir interpreta o vermelho (“sangue”), que remete para as problemáticas sexual e agressiva. Termina com uma abordagem global (“uma menina e um menino”) em que pode estar a projectar a imagem do casal parental, ou, mais provavelmente, a sua dupla ou ambivalente identificação sexual, numa situação de perda de vitalidade (“a perder sangue”), de angustia de morte.

No inquérito mantém a dupla identificação mas dá uma resposta mais evoluída e elaborada (“o menino e a menina estão fazer ginástica...com fitas”). Há um movimento de recuperação ou progrediente. As fitas talvez façam alusão à ginástica rítmica ou artística, uma actividade estereotipadamente feminina.

CARTÃO IV

Há um choque. É sensível ao conteúdo latente, que remete para a força, a potência e a autoridade, dando uma resposta comum: “gigante”. Há simbolismo sexual (“mãos”, “rabo”). A resposta do “monstro” leva-o a pensar na “Bela e o Monstro”. É curioso como num cartão tão masculino, tão viril, associado ao paterno, e inclusive depois de ter reconhecido este simbolismo, ele invoca uma figura feminina. Isto leva-nos a colocar a hipótese de que perante aquilo que o assusta (que seguramente tem a ver com o masculino, com o que ele associa ao masculino), o Rui defende-se pelo recurso ao feminino.

Quando inverte o cartão dá a resposta “vestido”, que remete para outra das defesas que usa habitualmente (defesa narcísica tipo pele).

“Polvo com rabo” é uma resposta que remete para uma temática anal. É interessante que imediatamente a seguir refira que a cadeira na qual está sentado, na qual tem o seu rabo, está estragada.

Associa este cartão ao medo, colocando-se a hipótese de que o masculino e/ou o paterno lhe suscite medo e inquietação, o que explicaria em parte as dificuldades em aceder a uma identificação masculina.

CARTÃO V

Dá a banalidade mas é uma resposta composta, pois diz que a borboleta tem pernas e cabeça, tratando-se, portanto, de uma figura meio humana, meio animal. Este é o cartão da representação de si, do sentimento de integridade psíquica e somática, da unidade do ego. A resposta mista pode indicar que o Rui ainda não tem uma identidade integrada e coesa.

A segunda resposta também é composta (“águia com duas cabeças e duas pernas”), pelo que é interpretada no mesmo sentido. Mas há uma particularidade nesta resposta, que é o facto de o animal ter duas cabeças, igual que o segundo boneco do primeiro cartão. Ainda, associa as duas cabeças a dois problemas. Será que estas duas cabeças têm algo a ver com a sua dupla e/ou ambivalente identificação sexual (masculina e feminina), que cria nele um conflito interno, e, portanto, dois problemas?

No fim diz que a cadeira faz barulho. Barulho que talvez faça também este conflito na sua cabeça. Pede para ir brincar com uma boneca. Novamente aparece aqui o recurso ao feminino na forma de boneca, em resposta à evocação de um problema.

CARTÃO VI

A forte agitação psicomotora dá conta da angustia. Seguramente ficou aflito com o cartão anterior, mas há também uma tendência à recusa deste visível nas manipulações da boneca, do próprio cartão, e na tentativa que faz para que seja eu a responder. Por outro lado, há uma tentativa de auto-valorização e de auto-securização através das brincadeiras com a boneca. As defesas falham e é invadido pelo processo primário: surge um pensamento bizarro quando associa o número de quadrados da folha com o número de cartões que faltam. O discurso é confuso e desorganizado.

Novamente é sensível ao conteúdo latente do cartão, que tem um grande simbolismo sexual tanto masculino como feminino. Da uma resposta que parece remeter para uma temática anal de grande actividade pulsional (*“peito do monstro e rabo com fogo”*).

Quando inverte a prancha, vê só a cara do monstro agora todo em chamas. A seguir pergunta se a boneca tem mamas e comenta as roupas dela, como se o recurso ao mundo feminino aliviasse a excitação/angustia suscitada pelo cartão.

Associa este cartão, também referente ao masculino e paterno, à tristeza.

CARTÃO VII

No cartão feminino ou materno projecta duas figuras humanas do sexo feminino com vestido e encolhidas. Estará a remeter para uma temática anal? Parece mencionar também uma figura

masculina: um “outro para atrás do vestido ou da saia”. É uma das meninas que agora mudou de identificação sexual? Ou é um terceiro elemento? O discurso é confuso e desorganizado. Associa o cartão com a Dra. P que, na semana anterior, durante a consulta de devolução dos resultados, teve de adoptar o papel instância super-egoica, pondo limites ao Rui (que tinha cortado o cabelo a uma boneca) e estabelecendo as regras do *setting*.

CARTÃO VIII

Tem uma boa reacção às cores. Parece ter uma relação positiva com o mundo exterior e com os outros, embora surja a necessidade de se proteger com as roupas, usando defesas narcísicas.

CARTÃO IX

Remete para a regressão e para o simbolismo materno pré-genital e os fantasmas da gravidez e nascimento. Volta a usar defesas narcísicas. Depois foge mas agora pega num brinquedo mais estereotipadamente masculino, a bola, que acaba por rejeitar dizendo que lhe faz doer as mãos. Diz que este é o cartão do pai. Talvez com o jogo da bola tentou, inconscientemente, aproximar-se ao masculino, mas não conseguiu, concluindo que o masculino o magoa.

CARTÃO X

Da respostas fragmentadas. Aparecem meninas e alguns elementos femininos (sutiãs), mas também há simbolismo fálico (pau).

Anexo 4: CAT

TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA INFANTIL (CAT)

C1

“Era uma vez os pintainhos, estavam a comer, e depois a tigela e outro pintainho, e depois o pintainho comeu a tigela cheia. Vejo os pintainhos e a galinha que está a ver se os pintainhos comem tudo. As bonecas estão na caixa cor de rosa? As bonecas? Onde estão?” (Levanta-se e vai ver os brinquedos, chamo-o para voltar a concentrar-se nos cartões)

Procedimentos

- RE1 Recurso à evidência, apego ao conteúdo manifesto
- RE3 Pedidos de gratificações complementares ou RC2 Perguntas, apelos
- MC2 Interrupções pelo agir
- MC4 Deslocações

Análise qualitativa

- Todas as personagens são da mesma espécie e representam uma família, o que é indicativo de coesão identitária.
- Um dos pintainhos come a tigela toda, mostrando uma enorme voracidade oral
- Talvez faça alusão à rivalidade dentro da fratria, isto é: o pintainho com grande avidez não quer partilhar a tigela (a mãe) com os outros irmãos
- A mãe apresenta-se como instância super-egóica, o que faz questionar a sua capacidade de continente e de suporte durante as primeiras relações de objecto.

C2

“Os três ursos estavam a brincar com a corda. O urso estava a aguentar e os dois ursos, este e este, estão a segurar este que caiu. E o grande caiu para cima do pequeno”

Procedimentos

- RE1 Recurso à evidência
- IF5 Insistência nos verbos de acção
- OC3 Formação reactiva

Análise Qualitativa

- Não há diferenças de sexo nem de geração pelo que não acede á triangulação
- Presença de verbos como “aguentar” “segurar”, com significado de suporte (anaclitismo), e indicando a defesa pela formação reactiva
- Afinal os três ursos caem, primeiro cai o urso da esquerda, e depois o urso grande da direita cai encima do pequenino, o que pode remeter para a pulsão agressiva e rivalidade

C3

“ O leão disse “AUAU! “ e o rato estava a comer a bengala e estava a comer o rabo do leão. O leão está sentado na cadeira e o rato é pequenino, e o leão depois mordeu-o e comeu-o”

Procedimentos

- IF3 Encenações, diálogos
- IF4 Simbolismo transparente
- IF8 Expressões cruas ligadas a uma temática sexual e agressiva

Análise Qualitativa

- O rato está a comer os atributos “fálicos” do leão e depois é castigado ou “castrado” por isso
- Presença de temática oral muito cru, agressiva

C4

“A cadela estava a andar de bicicleta, isto é um esquilo, não, é um canguru, a mama estava a andar e o pequenino estava a andar de bicicleta, e depois o pequenino estava a segurar no balão, e depois a mama tinha o chapéu e o cesto”

Procedimentos

- IF6 Insistência nos verbos de acção
- IF9 Confusão identitária
- OC1 Descrição com apego aos pormenores
- OC8 Escotoma ou falsa percepção (?)
- OC9 Perturbações da organização temporal

Análise Qualitativa

- Faz uma tentativa de descrição da imagem mas o recurso à realidade exterior falha porque faz um escotoma do canguru-filho mais velho, que vê como sendo o mais pequenino numa

outra sequência temporal. Mais do que um escotoma é uma fusão dos dois cangurus filhos num só. Isto pode dar conta de falhas perceptivas e/ou pode ser uma defesa contra os sentimentos de agressividade e inveja suscitados pela rivalidade fraterna

C5

“Esta não posso contar porque é muito escura e feia. Os dois ursinhos e os dois pais dormiram juntos. A cama dos pais e a cama dos filhos estavam tortas e depois fizeram um candeeiro à noite (?) É um filho e uma filha mas são os pais que fazem candeeiros à noite que depois rebentam.” (Levanta-se e vai brincar com as bonecas. Vai fazer xixi).

Procedimentos

- RC3 Crítica do material, gratificações complementares
- MC2 Interrupções pelo agir
- IF4 Simbolismo transparente (candeeiros que rebentam)
- IF9 Expressões cruas
- OC9 Extravagancias perceptivas (camas tortas)

Análise Qualitativa

- Parece situar-se no eixo edipiano porque acede ao conteúdo latente do cartão, à cena primitiva. Parece haver um simbolismo transparente no “fazer candeeiros” (podendo-se associar a “dar à luz” e portanto a “fazer bebês” e ao acto sexual). O verbo “rebentar” pode remeter para as pulsões agressiva e sexual (disse “rebentar as águas” quando rompe o saco amniótico).
- Depois de evocar a cena primitiva carregada de pulsão sexual e agressiva, o Rui sente necessidade de ir brincar com as bonecas, provavelmente como defesa perante a angustia que lhe provoca esta temática. Ainda, tem de ir à casa de banho “esvaziar-se” de qualquer coisa.

C6

“O bebe estava quase a adormecer, a mãe adormeceu e o filho foi-se embora, foi-se embora, foi-se embora.”

Procedimentos

- IF6 Insistência nas representações de acção
- OC7 Repetição

- OC8 Escotoma do pai

Análise qualitativa

- Não acede à triangulação
- O “ir-se embora” como defesa pela fuga

C7

“ O tigre! O tigre estava quase a apanhar o macaco, e o macaco estava a subir e o tigre apanhou-o com os dentes e comeu-o ”

Procedimentos

- MC2 Agitação verbal
- IF6 Representações de acção
- IF8 Expressões cruas ligadas a uma temática agressiva

Análise qualitativa

- Parece identificar-se com o tigre
- Castração ou aniquilamento?

C8

“ Os pais estão mascarados e depois a mama e o macaco filho, a mama estava a mandar para o quarto porque ele estava de castigo, e a tia e o avô mandaram sair e a mama morreu ”

Procedimentos

- IF8 Expressões cruas ligadas a uma temática agressiva
- IF9 Instabilidade dos objectos (pais passam a ser tia e avô)
- OC8 Extravagâncias perceptivas (mascarados)

Análise qualitativa

- Diferencia entre as gerações e sexos
- Reconhece o conteúdo do cartão (amonestação), mas não há culpa nem reparação, e em seu lugar aparece quase que uma retaliação; a morte da mãe.

C9

“O coelhinho dormiu, abriu a porta, fugiu e foi ter com a mama, e a mama saiu do quarto e deixou-o ali, e depois foi ter com o filho”

Procedimentos

- IF5 Instabilidade dos objectos
- IF6 Representações de acção
- IF1 Introdução de personagens
- OC4 Anulação (mãe deixou ali e depois for ter com ele)

Análise Qualitativa

- Parece aceder ao conteúdo latente do cartão que remete para o abandono: o coelho que vai a procura da mãe porque esta o deixa sozinho.

C10

“Eh! Esta é bue de fixe! O cão queria ir fazer xixi só que a cadela também queria fazer xixi e o cão queria-se vestir, queria-se lavar e depois o pai chegou e foi dormir. Ele queria ir para o pé da mãe para a sala e foi”

Procedimentos

- RC3 Críticas ao material
- IF1 Introdução de personagens
- IF7 Fabulação longe do cartão
- OC3 Formação reactiva (vestir, lavar)

Análise Qualitativa

- Parece haver uma espécie de competitividade e rivalidade entre o cão e a cadela, entre mãe e filho pois ambos querem fazer xixi.
- As diferenças de geração estão esbatidas, não só realizam a mesma actividade como o cão mostra-se autónomo nas actividades de limpeza e asseio.
- O pai aparece como uma figura que separa o filho da mãe, havendo também rivalidade entre pai e filho.

Anexo 5: Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

Gostaria de poder contar com a sua colaboração e a do seu educando/a na investigação que estou a desenvolver no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), acerca do tema **“O desenvolvimento da identidade”**.

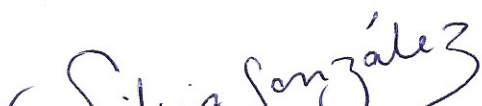
A sua participação e a do seu educando/a são fundamentais e de extrema importância para a realização desta investigação, constituindo uma mais valia para o HGO e para todos os serviços de Saúde Mental, nacionais e internacionais, públicos e privados, na medida em que permitirá uma melhor compreensão do processo desenvolvimental de aquisição de uma identidade ao longo dos primeiros anos de vida. Isto por sua vez irá possibilitar a implementação de intervenções mais eficazes nos casos em que o processo não decorra adequadamente.

No entanto, a participação é voluntária, não havendo quaisquer consequências na recusa ou anulação, da referida participação.

Esta investigação centrar-se-á na aplicação de alguns testes e entrevistas. Toda a informação recolhida será para uso exclusivo desta investigação e apenas para cumprir os seus objectivos, garantindo assim, o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados obtidos.

Agradeço desde já a disponibilidade que possa dispensar para a realização desta investigação.

A investigadora



Silvia González Manteiga

DNI 32845155-M

AUTORIZAÇÃO

Eu, abaixo assinado, Encarregado/a de Educação de ___

Silvia González Manteiga

declaro que autorizo o/a meu/a educando/a a participar na presente investigação sobre "O desenvolvimento da identidade", sendo que tomei conhecimento do objectivo da investigação e tendo-me sido garantida a total confidencialidade dos dados recolhidos.

Assinatura do Encarregado de Educação/Pais:

Silvia González Manteiga

Assinatura do participante:

Aceito colaborar como participante nesta investigação

Assinatura da investigadora:

Silvia González Manteiga
(Silvia González Manteiga)

Almada, 20, março de 2012